

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Clayton Rodrigues de Melo

O romance *A quem de direito*, de Martin Caparrós:
vozes e silêncios da História argentina.

São Paulo
2014

M528r Melo, Clayton Rodrigues de.

O romance A quem de direito, de Martin Caparrós: vozes e silêncios da história argentina / Clayton Rodrigues de Melo. – 2014. 112 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

Referências bibliográficas: f. 107-111.

1. Romance. 2. Ditadura militar. 3. Tortura. 4. Morte. 5. Desaparecidos. 6. Argentina. I. Título.

CDD 863

Clayton Rodrigues de Melo

O romance *A quem de direito*, de Martín Caparrós:
vozes e silêncios da História argentina.

Dissertação apresentada ao programa de
pós-graduação em Letras da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Trevisan

São Paulo
2014

Clayton Rodrigues de Melo

O romance *A quem de direito*, de Martin Caparrós:
vozes e silêncios da História argentina.

Dissertação apresentada ao programa de
pós-graduação em Letras da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Lúcia Trevisan
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profa. Dra. Cristine Fickelscherer de Mattos
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira
Universidade Metodista de São Paulo

Melo, Clayton

O romance *A quem de direito*, de Martin Caparrós:
vozes e silêncios da História argentina. / Clayton
Rodrigues de Melo

112 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

À Andrea, e aos meus
benzinhos, Luiza e Lucas,
presentes de Deus.

AGRADECIMENTOS

À Deus, toda honra e toda glória, hoje e sempre, que por sua imensa graça concede-me o presente de ter chegado até aqui.

À minha orientadora, Profa. Dra. Ana Lucia Trevisan, pela muita paciência diante da minha limitação.

À querida, irmã e amiga Elisabete, que dedicou seu tempo cuidando do meu benzinho, Luiza, enquanto eu fazia os créditos deste curso.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie que, por meio da bolsa de estudo, permitiu-me crescer um pouco mais na vida acadêmica.

À Igreja Presbiteriana de Extrema, fiel parceira de meus estudos.

A quien corresponda.

Martín Caparrós.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo estudar o romance, *A quien corresponda* (2008), do escritor argentino Martín Caparrós. Para esse estudo faremos o seguinte percurso: uma breve explanação sobre o contexto do período histórico da ditadura pelo olhar literário. Percorreremos, também, os aspectos históricos abordando, de forma breve, o contexto político da ditadura civil que teve seu início na década de 70. Refletiremos acerca do pensamento filosófico que permeia o romance utilizando-se do pensamento de Thomas Hobbes, filósofo do século XVI, acerca das formas de poder de um Estado Civil. Por fim, analisaremos o romance, a fim de identificar as vozes presentes no conflito político da Argentina no período que se refere à ditadura militar baseado nos seguintes diálogos: o personagem Carlos e os ex-torturadores; Carlos com seus três amigos no restaurante; Carlos e a suposta 'namorada'.

Palavras-chave: Romance. Ditadura Militar Argentina. Tortura. Morte. Desaparecidos.

ABSTRACT

This paper proposes a study of romance, *A quien corresponda* (2008), of Martín Caparrós, an Argentinian writer. For that study we will travel the following course: an abbreviation explanation on the context of the historical period of the dictatorship for the literary glance. We will travel the historical aspects approaching, in a brief way, the political context of the civil dictatorship that had begun in the decade of 70. We will reflect concerning the philosophical thought that it permeates the romance of Thomas Hobbes thought, philosopher of the century XVI, concerning the forms of power. Finally, we will analyze the romance, in order to identify the present voices in the political conflict of Argentina in the period that refers to the military dictatorship based on the following dialogues: the character Carlos and the torturer; Carlos with their three friends in the restaurant; Carlos and his supposed 'girlfriend'.

Keywords: Romance. Military Dictatorship Argentina. Torture. Death. Disappear.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. OLHARES LITERÁRIOS SOBRE UM MOMENTO HISTÓRICO | 13 |
| 1.1- O ROMANCE <i>A QUEM DE DIREITO</i> , DE MARTÍN CAPARRÓS | 20 |
| 2. CONTEXTO POLÍTICO DA DITADURA: O DRAMA DOS DESAPARECIDOS | 30 |
| 2.1- FILOSOFIA E POLÍTICA ARGENTINA NA OBRA DE MARTIN CAPARRÓS | 45 |
| 3. ANÁLISE DO ROMANCE <i>A QUEM DE DIREITO</i> : PLURALIDADE DE VOZES | 55 |
| 3.1 – CARLOS E O EX- TORTURADOR: UM MERGULHO SEM ESPERANÇA NO PASSADO | 55 |
| 3.2 – CARLOS E A JOVEM: UM ESPELHO DO PARCIAL | 71 |
| 3.3 – CARLOS E SEUS AMIGOS NO RESTAURANTE: VOZES DO PRESENTE | 85 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 103 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 107 |

Introdução

“Lembrar dói”

O romance *A quem de Direito* (2011), do escritor argentino Martín Caparrós, descreve um período importante da História recente da Argentina: a ditadura militar dos anos 70 e 80.

O presente trabalho tem como objetivo o estudo dos diálogos descritos no romance a fim de identificar algumas vozes presentes no romance que explicitam o conflito político da Argentina, tanto no que se refere ao período da ditadura, como no momento histórico posterior, o tempo presente a partir do qual o narrador apresenta o enredo, especificamente, os anos 90.

Começaremos com uma breve explanação sobre o olhar literário que descreveu e refletiu um período histórico conturbado e pautado nos silenciamentos. A ditadura foi um tema presente nas obras literárias argentinas dos anos 90, as quais contribuíram, cada qual a sua maneira, para provocar uma reflexão histórica.

Faremos um breve resumo do romance de Martín Caparrós, assim como, percorreremos os aspectos históricos, abordando, de forma breve, o contexto político da ditadura civil que teve seu início na década de 70. Também refletiremos acerca do pensamento filosófico que permeia o romance de Martín Caparrós, utilizando a visão denominada *formas de poder de um Estado Civil* desenvolvida por Thomas Hobbes, filósofo do século XVI. Optamos pela escolha de Hobbes, pelo motivo de que em suas obras, particularmente a denominada *Leviatã*, surge a questão de como se constitui o governo, a sociedade e os conflitos oriundos desses acordos.

Podemos dizer que as idéias de Hobbes permeiam o romance de Caparrós especialmente por duas razões: a primeira, pelo fato de que o Estado

é uma convenção, um pacto – no qual todos os homens de forma livre e liberalmente transferem seu poder à ele para que os governem, logo vemos no romance as muitas faces da consolidação do Estado ditador. A segunda seria a transgressão do pacto no qual o Estado se estabelece por uma convenção em que os homens livremente transferem seus poderes individuais para uma esfera coletiva denominada por Hobbes de “Soberano - Estado”, a fim de que o mesmo tenha poder sobre cada indivíduo assegurando, principalmente, a ordem e a paz.

Por fim, analisaremos o romance baseado nos seguintes diálogos: o personagem Carlos e os ex-torturadores; Carlos com seus três amigos no restaurante; Carlos e a suposta ‘namorada’. Os diálogos serão analisados com o objetivo de identificar as várias vozes presentes no conflito político da Argentina no período que se refere à ditadura militar e, dessa forma, perceber como sentidos filosóficos podem orientar uma reflexão sobre as relações entre os sujeitos e o Estado na ordem da História. Toda a reflexão implícita ao romance de Caparrós faz parte da luta pelo resgate e redenção dos relatos da ditadura, sobretudo na Argentina, nas décadas de 80 e 90, quando surge uma grande tendência de resgatar os testemunhos impulsionados pela luta de não esquecer nada, pelo desejo e pelo direito a expressão – a fala – sobre uma época em que a maioria quer se calar.

Para Gusmán (1999: apud OLMOS, 2008: p. 111) houve na expressão literária “uma tentativa de delimitar com mais precisão as referências históricas dos relatos e, assim, colocar em um plano de igualdade la escritura y la fabula”.

1- Olhares literários sobre um momento histórico.

“as mais ponderadas manifestações de alerta são silenciadas a bala [...] Meus olhos estão cansados de chorar”. (LISBOA, 1999: p.164)

Ao resolver retratar como aconteceram certos fatos históricos na ditadura, Martín Caparrós recorre a uma construção ficcional que busca representar esteticamente o ato de recordar.

Para falar sobre mortes, prisões, torturas e desaparecimentos, o autor argentino constrói uma narrativa marcada pelo viés memorialista. Com isso, instaura um subjetivismo que sustenta a descrição desse período da História argentina, conturbado e ainda obscuro.

Como explica Kaminsky (2000: p.17-37) no seu ensaio “Elixires del olvido” “o trauma é uma dor em repetição, uma dor que retorna uma e outra vez e que atinge as profundezas da ofensa e do estigma”. Nesse sentido, certos romances argentinos atualizariam de forma bem melancólica o trauma dessa terrível experiência histórica. Muitos escritores quando narraram os fatos dessa época precisam renunciar às perspectivas totalizadoras de representação e se valem apenas dos fragmentos que lhe restaram.

Não é sem propósito que, ao propor se reinventar pelo discurso, essa geração, pós-ditatorial, está afirmando que não acredita mais em uma verdade literal repleta de atos vergonhosos como a omissão, a cumplicidade ou a delação como única forma de se garantir “um lugar seguro no mundo”, mas na possibilidade de existência de uma referência indubitável, que se percebe como reconstrução literária feita por fragmentos.

Embora os romances de apresentação alegórica tenham sido o início de uma tentativa de reprodução dos fatos, é com os últimos romances de representação mais realista que surgem o desejo de produzir, por meio da linguagem, as muitas formas do 'real'.

Na narrativa de ficção, cada diálogo retrata a memória do país e de como contundentemente o governo ditatorial conseguiu convencer pessoas ainda muito jovens a lutarem pelos ideais do Estado, gerando mais de 30 mil desaparecidos e deixando marcas profundas nessa sociedade que jamais serão esquecidas. Quando se pensa esse período, surgem perguntas como: Como algo tão terrível foi apresentado a uma nação como necessário? Como o terror foi implantado? Qual explicação inverossímil foi dada a população neste terror chamado ditadura argentina?

Não há dúvida de que Caparrós apresenta para o leitor respostas possíveis para tais perguntas. Ainda que seja pela reconstrução do descontínuo, do fragmentado e já construído a partir de uma grande colagem de recordações próprias, e alheias, com um tom muitas vezes trágico e desesperador. A busca pelas respostas e pelos porquês é a diretriz que orienta o protagonista do romance e reflete muitas vozes históricas que envolvem o leitor na compreensão deste tempo.

Algumas obras desse período são marcadas pelo luto, pela dor, pela lacuna deixada em muitos lares pelos agentes repressores da época. Uma dor que familiares nunca verão cicatrizar. É uma dor coletiva. Um luto de uma nação que luta até hoje por explicações que são sufocadas e enterradas pelo próprio regime.

Os rastros desta ditadura ainda estão na memória das pessoas, em seu sofrimento, no luto invisível que tiveram, pois alguns jamais souberam do paradeiro de seus familiares. Por isso, a literatura que começa a ser produzida nos anos posteriores ao regime, revela obras que têm como objetivo resgatar a memória de pessoas esquecidas pelo tempo, que foram torturadas e mortas pelo regime.

Escrever essa memória faz parte de um processo que podemos denominar como uma luta constante pela redemocratização. A maioria dos textos literários produzidos a partir do século XX, especificamente na década dos anos 90, são textos que narram fatos em primeira pessoa, entrevistas publicadas e romances, como no caso de Martin Caparrós.

O “eu” presente em cada história contada.

As memórias estão entre as formas básicas da literatura, pois o seu modo de narração é propício à construção de imagens, refletindo particularmente o coletivo [...] um estilo pessoal, subjetivista e acima de tudo quando e dentro do contexto, os fatos acabam e começam a ficção. Entrementes, o autor, seja memorialista seja romancista, explorava a sua reação em segmentos escolhidos [...] onde inicialmente há o depoimento quase factual ou testemunho do narrador, escritos quase sempre na primeira e terceira pessoa. (SILVERMAN, 2000: p.61-63)

No discurso em primeira pessoa – de uma narração do eu – no qual os autores descrevem o que eles presenciaram, surge uma forma de fazer novamente com que acreditem que mesmo após uma ditadura podem ainda sonhar e projetar ideais para seu futuro.

A escrita, então, não se torna um meio simplesmente, mas sim uma grande força literária que narra experiências verdadeiras materializadas pelas palavras. Um processo no qual – o “eu” vai se tornando aquilo que meu discurso estabelece – uma espécie de identidade do autor.

Buscando trazer respostas e significados esclarecedores a uma nação que carece de respostas sobre o regime militar, observa-se uma literatura que busca resgatar uma época. Portanto, podemos dizer que as obras desse período são uma tentativa de resgatar a história de fatos acontecidos durante o período militar empunhando a espada da transparência contra todos os que querem silêncio e esquecimento.

Uma luta solitária na qual cada autor corajosamente assume a função de megafone para não permitir que este período de horror seja esquecido. A ficção argentina se propôs a resgatar as histórias e os vínculos perdidos

durante o período do regime militar lutando contra o cancelamento do passado e impedindo que tudo seja esquecido e passe despercebido pela nova geração.

Para tanto, Caparrós se vale de um recurso precioso que busca imitar o percurso da memória, que permite uma volta no tempo resgatando fatos tão importantes da história do povo argentino. É na memória que ecoa as muitas vozes dentro de seu romance e que faz surgir vida em período de mortes.

O olhar da memória, elaborado pelo autor, resgata a vivência do período de forma subjetiva, transforma as perdas em discurso e compartilha com o leitor fatos que jamais deveriam ser esquecidos.

Para Beatriz Sarlo (2007: p.17) “esses anos são anos de um surgimento denominado novo fenômeno, uma guinada subjetiva”.

Tomando-se em conjunto essas inovações, a atual tendência acadêmica e do mercado de bens simbólicos que se propõe a reconstituir a textura da vida e a verdade abrigadas na rememoração da experiência, a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma dimensão subjetiva, que hoje se expande sobre os estudos do passado e os estudos culturais do presente, não são surpreendentes. São os passos de um programa que torna explícito, porque há condições ideológicas que o sustentam. Contemporânea do que se chamou nos anos 1970 e 1980 de ‘guinada lingüística’ ou muitas vezes acompanhado-a como sua sombra, impôs a guinada subjetiva. (SARLO, 2007: p.18)

Diante deste contexto que aparentemente se mostra ambíguo, entre memória e história, Sarlo revela em seu pensamento a ideia de que: ‘ambas passaram a reivindicar o passado’. Já que, a memória se julga capaz de retomar a passado a partir de lembranças e subjetividades e, portanto, pode se relacionar com a literatura do período pós-ditadura.

Vários países da America Latina já tentaram acertar as contas com o passado ditatorial, enquanto que o Brasil, ainda tenta, de alguma forma, encobrir a verdade sobre este período. Isto revela o caráter amnésico e apaziguador da relação brasileira com os anos ditatoriais. Um desejo ardente pelo silêncio e pelo esquecimento. Pois,

Na medida em que, até hoje, nunca o Brasil foi informado oficialmente sobre a verdadeira radiografia do aparato de repressão, incluindo dados sobre sua história, estruturação interna, orçamento e, sobretudo, sobre as datas e cronograma de seu desmantelamento ou reestruturação, ainda prevalecem incertezas e interpretações discordantes a respeito de quem foram os responsáveis por todos esses atos. (DIREITO A MEMÓRIA E A VERDADE – COMISSÃO ESPECIAL SOBRE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS, 2007: p.28)

Para Beatriz Sarlo, porém, esta posição está mais para a reticência do que para a exclamação. Avalia que “(...) não se deve basear na memória uma epistemologia ingênua” e que, portanto, “(...) não há equivalência entre o direito de lembrar e a afirmação de uma verdade da lembrança”. (SARLO, 2007: p. 44).

Sendo assim, podemos dizer que, a partir dos anos 90, esse tipo de literatura passa a ser considerada fundamental, pois constrói um olhar sobre os acontecimentos vivenciados pelas pessoas durante os anos da ditadura militar na perspectiva de vários autores que tiveram uma experiência muito original e particular dentro do regime militar, ou viveram a violência na própria carne, ou ainda, sob esta perspectiva, tiveram que lidar, na infância ou na juventude, com situações vivenciadas por seus pais, irmãos etc.

As lembranças de alguma maneira insistem em permanecer e acabam tornando suas companhias diárias, que adornadas do sentimento de incompletude, serve de cooperação e senso de justiça para com precisão descrever as cenas sombrias de um período de horrores e desaparecimentos.

Essa forma de pensamento acaba gerando uma literatura pós-ditatorial, de certa forma ‘alegórica’, pois está firmada na ausência. Como nos diz Ana Cecília Olmos em seu artigo: “A narrativa argentina das últimas décadas ou acerca de como narrar os delitos de sangue”:

À medida que a violência era perpetrada pelo Estado, durante esses anos introduziu-se no discurso literário de forma oblíqua, cifrada, em relatos que apelavam à fragmentação seqüencial, ao descentramento do sujeito de enunciação, à descontinuidade temporal, à mistura discursiva e de gêneros e, sobretudo, a

formas alusivas e elusivas de referir o real, em síntese, a procedimentos narrativos que denunciavam a impossibilidade de representar a experiência em termos totalizadores. (OLMOS, 2008: p.108)

Podemos assim dizer, que cada escritor tenta a seu modo retratar em suas próprias experiências história e ficção, que aliadas a sua memória tem como grande proposta resgatar partes desta imensa e obscura história.

Ainda que parte desta história tenha desaparecido com a forma brutal utilizada pelo regime militar para calar as pessoas, trata-se de uma literatura que busca descrever as ausências, configurando vozes que revelam em alto e bom som a experiência traumática deste período dizendo que ele não deve ser esquecido.

Beatriz Sarlo em sua tentativa de restabelecer em modo crítico o que os escritores fizeram no plano da figuração literária para reter o tal difuso 'real' diz:

[...] La literatura propone su contenido de verdad bajo lá forma de figuración. No reconstruye una totalidad a partir de los disienta membra de la sociedad (empresa quizá imposible), pero si propone cursos de explicación, constelaciones de sentido, que plantean lecturas diferentes y alternativas del orden de lo real, según una pluralidad de regímenes discursivos y de estrategias de ciframiento. (SARLO, 1987: p.46)

Em outras palavras, muitas vezes a linguagem do romancista coloca o discurso ficcional em um nível maior que o da História. Porém, não se pode esquecer que o conhecimento do todo é fragmentado, incompleto, tanto na ficção, como na História dita oficial.

O resultado de produto da memória que pelas imagens resgatadas narra uma sucessão de fatos e acontecimentos deixando cada vez mais espaço para o poético. Uma espécie de 'mimesis', assumindo de forma dialógica e explicativa 'detalhes do real' respeitando uma conduta factível e, ao mesmo tempo, representando um mundo verificável de traumas e intrigas de um período assustador denominado ditadura.

Assim, ainda que o romance explore as possibilidades sinistras da ditadura militar, os relatos aproximam-se de uma figuração realista do horror e tomam certa distância das estratégias alusivas de representação. Na visão de Ana Cecília Olmos "cabe, porém, assinalar que essa figuração realista do horror não significa uma representação direta dele". (OLMOS, 2008, p.114)

Sendo assim, podemos dizer que, a função da imaginação na representação do passado é um encontro entre idéias, experiências e documentos históricos. Tudo isso é incorporado a certa estrutura que diante das suas particularidades tem uma dimensão própria. Por isso, ainda que no romance de ficção as descrições explorem as possibilidades existentes entre a ditadura militar e os fatos históricos, ele apenas se aproximará da representação. Esta descrição nem sempre será uma visão do todo, mas uma pequena parte dele.

Nas palavras de Hayden White:

Uno puede producir un discurso imaginario sobre hechos reales, que no será menos verdadero por ser imaginario. Esto también es válido para la representación de la narrativa de la realidad, especialmente cuando, como en los discursos históricos, éstos son representaciones del pasado humano. ¿De que otro modo puede un pasado que por definición comprende hechos, proceso, estructuras, etcétera, no susceptibles de ser percibidos, tener representación en la consciencia o el discurso, excepto de modo imaginario? (WHITE apud SMITH, 1996: p. 188)

Um romance pode ser produzido com intenções de discursos sobre acontecimentos reais, mesmo quando, essa representação narrativa da realidade sejam apenas representações feitas do passado explorando o presente sob o olhar do autor, pois, embora possam produzir discursos imaginários sobre acontecimentos reais, tais discursos serão também verdade, justamente por serem subjetivos, essencialmente humanos.

1.2- O romance *A quem de direito*, de Martín Caparrós

[...] Eu também poderia ter feito o que quisesse com sua história, mas preferi deixá-la como estava. Afinal, quem se importa. (CAPARRÓS, 2011: p. 326)

O romance *A quem de Direito* (2011), do escritor argentino Martín Caparrós descreve um período importante da história recente da Argentina: a ditadura militar dos anos 70 e 80. Trata-se de um romance que descreve os fatos vividos pelo personagem denominado Carlos, um ex-militante que pertencia a um grupo de esquerdistas que queria derrubar a ditadura militar argentina conhecida como Revolução Argentina responsável pelo desaparecimento de mais de 30 mil pessoas entre 1976 e 1983.

Na medida em que o narrador descreve os fatos, fica claro para o leitor que aquela geração desconhecia – na profundidade – o que estava fazendo, assim como os resultados de suas ações. “Se o país está do jeito que está não é porque nós falhamos e eles não? Não digo que está do jeito que está por nossa causa; digo que, quando estava melhor do que hoje, quisemos melhorá-lo, e o resultado foi que criamos as condições para que eles o tornassem muito pior do que era antes” (Caparrós, 2011: p.23).

As ideias descritas nesse romance revelam as crises que o personagem Carlos enfrenta ao recordar os acontecimentos do passado e refletir sobre os resultados vivenciados no seu presente.

Ele tenta ignorar seu passado e não considera que a luta para derrubar o governo tenha funcionado, classificando sua geração como fracasso completo. Na tentativa de responder seus questionamentos, fica evidente, a cada diálogo, a cada entrevista, que tais encontros só geram mais questionamentos.

Carlos é um sujeito que vive isolado, seus únicos contatos são Juan, ex-companheiro que se tornou um político bem-sucedido e, com Valerie, uma jovem que o encontra todas as quintas-feiras e com quem tem discussões calorosas sobre o período em que ele lutou.

Durante um diálogo com Juan, Carlos é alvo de uma pergunta: 'E não lhe ocorreu pensar no que Estela diria se pudesse ouvi-lo?' (CAPARRÓS, 2011: p.24)

Estela foi a esposa de Carlos que desapareceu grávida em 1977 após ter sido capturada pelos militares à noite em uma rua de Buenos Aires. A simples citação do nome 'Estela' faz com que Carlos entre no turbilhão de uma crise existencial provocando o desejo de respostas para seu passado de lutas perdidas para o destino da esposa desaparecida e faz pensar sobre seu próprio presente, pois, descobriu ter uma doença incurável e não querer tratá-la.

O romance descreve um acerto de contas do personagem consigo mesmo, entre seu passado e seu presente. Uma luta na tentativa de encontrar respostas que reconstruam parte da história que ele desconhecia sobre a tortura e o desaparecimento de pessoas no período militar.

Caparrós descreve o esquecimento provocado pela ditadura e a investigação do personagem Carlos para desmascarar certos mitos sobre os ex-guerrilheiros numa sociedade estereotipada. O legado da ditadura é um país em ruínas, onde seus heróis são estereótipos criados para iludir, desejam transmitir à sociedade pós-ditadura a ideia de que todos os terríveis atos foram realmente necessários.

O autor conduz o leitor a fazer uma espécie de viagem no tempo por meio dos diálogos entre Carlos com os demais personagens. Uma viagem pela memória de Carlos e pelos momentos vividos na ditadura argentina, vivenciando questionamentos dos militantes e revendo a vitimização do processo de repressão.

O leitor encontra um momento histórico único vivido por aquele país e que está na memória de Carlos como algo que o atormenta constantemente. Uma ‘viagem’ de valores filosóficos, morais, éticos, que se encontram implícitos ou explicitados pelo personagem principal.

Na visão da jornalista uruguaia Maria Esther Gilio que escreveu na contra-capá do romance de Caparrós, este livro é fundamental, pois, é uma tentativa “de fazer reaparecerem os desaparecidos [...] já que, “em boa parte dos livros sobre o confronto político da época da ditadura na Argentina as lembranças da morte encobriram as lembranças da vida, o que é uma maneira de tornar a desaparecer os desaparecidos. De eliminar suas escolhas , sua história e tudo aquilo em que acreditavam”.

O romance do argentino Martin Caparrós é isto, a história de um período conturbado, denominado ditadura militar, onde Carlos, personagem principal e ex- militante da década de 70, esquerdista, agora doente e desiludido com a política, retoma, em sua memória, as ações do passado que o motivaram a fazer o que fez - lutar por um ideal. Ele lutou por mundo melhor e percebeu, no fim da vida, que tudo não passou de um grande fracasso, como ele mesmo afirma (CAPARRÓS, 2011: p.17). Ainda assim, podemos dizer que o personagem Carlos, criado por Caparrós, é uma voz diante de muitas outras que viveram esse período de horror a expressar sua indignação após o fim da ditadura.

Nessa busca solitária pelos sentidos de um período obscuro, Carlos começa uma procura – a procura por Estela, sua esposa, que na época estava grávida e foi levada pelos agentes repressores do Estado. A busca por Estela remete aos dramas dos familiares de cerca de 30 mil pessoas entre os anos de 1976 e 1983.

O conflito narrado no romance remete a história de um período duramente silenciado, pois em 24 de Março de 1976 emerge um golpe no qual as forças armadas tomam o poder encabeçados pelo General Jorge Rafael Videla (chefe do exército), pelo almirante Emilio Eduardo Massera (chefe da

armada) e pelo brigadeiro Orlando Ramón Agostí (chefe da força aérea). Um golpe que tinha como objetivo executar um projeto que se baseava em “extrair um tumor” da sociedade argentina, ou seja, eliminar toda e qualquer atividade classificada como subversiva. A Junta Militar deveria governar a Argentina com mão de ferro.

Esse processo foi denominado pela ditadura de “Proceso de Reorganización Nacional” que, como o próprio nome indica, tinha como único objetivo - a reestruturação completa de toda a sociedade argentina nos seus diversos campos – econômico, político, cultural e social. Um projeto que tinha como paradigma o “modo de vida occidental y cristiana”.

O apoio social deste regime assenta em três grandes grupos: os militares, que tinham como inimigo número um o peronismo; a estrutura eclesiástica, com exceção de alguns párocos; e os empresários que viam na luta social que se tinha vivido até então um entrave “perigoso” aos seus interesses de acumulação de capital.

Nessa época, alguns jornalistas de esquerda trabalhavam no jornal *La Opinión*, mas não escreviam sobre política, dentre eles: Osvaldo Soriano que escrevia sobre esportes e Tomás Eloy Martínez do suplemento de cultura, que continuaria escrevendo no jornal de não tivesse, diante dos fatos, escrito um artigo sobre a violência no país. Seu artigo foi censurado e o texto modificado por Timerman que era sócio do Jornal *La Opinión* (MOCHKOFISKY, 2003: p.150-158), acabou retirando alguns nomes e acusando apenas a Triplo A¹.

Nesse cenário, procurando uma explicação que fosse além das noções inaceitáveis de democracia, liberdade, tolerância e coexistência, como

¹ (**Alianza Anticomunista Argentina**) um esquadrão da morte de extrema direita que esteve em atividade na Argentina em meados da década de 1970, particularmente no governo de Isabel Perón (1974-1976). Posteriormente, vincularam-se à junta militar liderada por Jorge Rafael Videla (1976-1983) e desempenharam um papel de destaque na "Guerra suja na Argentina". (<http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-39010-2004-07-31.html>)

esquecer o sentimento mais simples dos quais as pessoas se negavam a descartar, pois era mais forte do que elas, denominado: medo?

Medo que permeava em alguns momentos, ainda que pós-ditadura, o coração de Carlos. Mesmo que em suas investigações encontre diversos personagens do passado, que de forma irônica, o ajudarão a tentar descobrir o paradeiro de Estela. Na medida em que as investigações avançam na busca pela verdade, os diálogos vividos pelo personagem, na descrição de Caparrós, também reconstróem parte da história sobre o período militar e a implantação do terror na Argentina.

Portanto, ainda que o terror em um primeiro momento revele que a ditadura de fato foi um ato de vitimização, uma luta aparente do bem contra o mal onde os “vencidos” viveram o horror com a implantação desse regime, temos, em um segundo momento, pós-ditadura a negação do silêncio como uma necessidade cada vez mais explícita de mostrar que os “vencidos” na verdade ainda falam, pois, se nós nos calarmos “o que seria de todos os nossos companheiros que morreram ou tiveram de ir embora ou se ferraram por esse país?”. (CAPARRÓS, 2011: p. 27)

Mesmo que na visão de Carlos, eles sejam a geração mais fracassada dessa longa história de fracassos que é a história argentina, é impossível não perceber uma dimensão crítica da política anterior e posterior à ditadura, já que o autor tem uma visão negativa da esquerda argentina.

Há quarenta anos, quanto tínhamos quinze ou vinte anos de idade e estávamos começando a nos meter em política, a Argentina era um país bastante próspero. Isso todo mundo sabe, mas ultimamente estive olhando para algumas cifras para ver se não estávamos enganados, se não era outra dessas lembranças que a gente fabrica para uso próprio. Não era: o desemprego não era grande, a desigualdade não era tão violenta, havia pobreza mas não miséria, as escolas e os hospitais públicos funcionavam....Evidente que havia indústrias e proprietários de terra riquíssimos e operários e camponeses pobres, evidente que havia diferenças escandalosas, injustiças brutais, mas a maioria dos argentinos, mal ou bem, levava uma vida boa – nesse momento apareceu a nossa famosa geração e decidiu que este país era um desastre e que era preciso mudar tudo de

cima a baixo...aquela ideia de que era preciso reinventar um outro mundo, já que quem não acreditasse num mundo socialista era um idiota...assim quisemos inventar de novo aquele país que achávamos intolerável. Escolhemos as metas e a forma que nos pareceu mais adequada, mas a Argentina está pior do que era antes, Bem pior, um desastre. Você consegue imaginar alguma forma mais contundente de fracasso? (CAPARRÓS, 2011: p.20-23).

Por fim, podemos dizer que o romance, *A quem de Direito*, de Martin Caparrós, é, sem dúvida alguma, um relato intrigante, uma forma de provocação ao sistema ditatorial da época e ao mesmo tempo uma importante voz que ecoa na sociedade por meio de um olhar crítico expressando todo seu ressentimento. Carlos representa os participantes e as vítimas da ditadura, expressando ainda o ressentimento quanto à ausência de um efetivo reconhecimento da importância do período para as novas gerações. A sua trajetória revela uma tentativa de resgatar o terror vivenciado pela maioria das pessoas, sua palavra e sua memória traduzem o desejo de não ser esquecido, pois, a liberdade que as novas gerações supostamente desfrutaram, veio por meio do sangue de homens e mulheres desaparecidos, torturados, mortos. Inocentes.

“Esse é um livro sobre o tema da dor”, afirma Caparrós na contracapa. É sob esse olhar que ele deve ser lido. Já que, em seu romance, questiona os atos dos rebeldes no período militar provocando uma aguda reflexão sobre o destino de uma geração, cheia de idealismo, que não parece ter colhido os frutos de sua luta. Essa luta é revista por Caparrós, pela amargura e pela dúvida.

[...] disse Valeria: Carlos vocês perderam como quem perde a guerra, para falar de algum jeito. [...] tentei dizer a ela que não fora só a derrota: que fora sobretudo o desaparecimento das idéias pelas quais lutávamos. Que agora os glorificados daqueles anos querem reciclar e revender aquelas idéias transformadas em postulados gerais – a justiça, a igualdade, a democracia, os famosos direitos humanos – mas, nós não lutávamos por essas coisas: *lutávamos porque estávamos convencidos de que só seria preciso um empurrãozinho para que o socialismo* – o desaparecimento dos ricos, o governo dos trabalhadores, tudo para todos – se instalasse, que era coisa de dias, de uns poucos anos no máximo. [...] *foi espetacular o modo como perdemos. Não era que a batalha prosseguisse de outra*

forma, em outras frentes, em outros territórios: não havia mais batalha, o socialismo era um erro histórico, o futuro era um lugar vazio. Havíamos errado tanto que nos curamos para sempre das afirmações absolutas. (CAPARRÓS, 2011: 73 - grifo nosso)

As certezas do passado tornaram-se as dúvidas do presente, pois, tudo aquilo pelo qual lutaram cheios de convicções pensando que estavam construindo um mundo melhor, mais igualitário, não passou de uma tentativa frustrada “um erro histórico”. Onde estão os modelos? Os ideais? O povo argentino? O nosso grande Povo Argentino? Existe alguma esperança?

Quanto tempo vão continuar acreditando que o que querem é que haja um pouco mais de dinheiro para que os ricos comprem seus aviões, suas duas semanas na praia e os pobres, sua comida quase todos os dias? Quanto tempo ainda falta para que descubram que precisam de algo mais para não se sentirem frangos de criação, aposentados que nunca começaram, números de oito algarismos...a espécie que expõem para continuar sendo o que foram? Em outras palavras, você acha que vai acontecer alguma coisa... Gostaria de dizer outra coisa; dizer, sobretudo, que as mortes de vocês não foram inúteis, mas não, não vejo para que o serviram. Não é horrível que não haja mais remédio do que dizer que você morreu por porra nenhuma? (CAPARRÓS, 2011: p. 211-213)

Nesse resgate da memória podemos perceber a angústia de Carlos em olhar para o passado e sentir que tudo não passou de um grande sonho. Uma ilusão. “Há saberes que já não temos”. (CAPARRÓS, 2011: p.262)

No entanto, na busca por respostas, os diálogos entre Carlos e os demais personagens, passam pela tentativa de encontrar e descobrir o paradeiro de Estela.

Caparrós vai envolvendo o personagem principal em circunstâncias diversas por meio do diálogo descrevendo seu encontro com seus três amigos, no qual o principal é Juanjo, um ex-companheiro de militância que agora é um político bem-sucedido trabalhando para o governo argentino e que acredita seriamente em mudanças na sociedade argentina agora que ele está no poder. Durante uma conversa com Juan, a esposa de Carlos – Estela – é

mencionada. Ela desapareceu em 1977, grávida. A partir daí Carlos entra numa espécie de turbilhão existencial em busca frenética por respostas do que teria acontecido com Estela e o bebê.

Nessa busca sobre o destino da esposa desaparecida podemos ver também Carlos em busca de respostas sobre suas ações no passado. Um homem agora doente e sem muitas esperanças.

No decorrer da investigação, Caparrós vai inserindo diversos personagens que ajudarão o personagem principal, Carlos, a compreender melhor seu passado e também sobre o que fizeram com Estela e o bebê. Dentre eles, destacamos seu encontro com o coronel Diaz Latucci, um homem que conheceu o padre Augusto Fiorello na época da repressão. Assim como o ex-torturador, o sargento Oscar Aldo Paredes. A busca de Carlos por este padre é justificada pelo fato de que ele esteve num centro de detenção chamado Aconcagua, o centro de onde desapareceu a esposa de Carlos. O padre Fiorello era capelão militar, que segundo os moradores de uma cidade chamada Tres Perdices local de sua morte, sete punhaladas, só poderia ter vindo de alguém que o odiasse. Afinal, para fazer isso com uma pessoa tão boa quanto o padre Fiorello, era preciso ter muito ódio, pois “roubo não pode ser, afinal o coitado do padre não tinha um centavo” (CAPARRÓS, 2011: p. 160) Carlos alimentava em seu coração um desejo de vingança para ficar quite com aquilo que para ele era uma grande certeza – padre Fiorello trabalhava para os militares assassinos, (CAPARRÓS, 2011: p. 319) e por isso deveria morrer.

Valerie também é uma personagem importante no caminho de Carlos. Uma jovem, uma suposta namorada que o encontra sempre às quintas-feiras regularmente com quem tem discussões calorosas sobre o período em que era militante. Nesse encontro, passado e presente se entrecruzam. Como afirma Caparrós, “não existe nada mais radicalmente horrível do que pensar que você terá de pensar – de agir – como um alheio total: a ameaça de perder todo esse sistema de modos e certezas e atitudes que você costumava confundir com

ocê; nada mais radicalmente horrível do que a certeza de que nada disso lhe serve mais para nada”. (CAPARRÓS, 2011: p. 242,243).

Na luta por vingança, Carlos resolve cuidar ele mesmo do assunto, “você vai ver, Estela, não se preocupe: desta vez não vou desapontá-la” (CAPARRÓS, 2011: p.324). Mas, os dois devem ter morrido no mesmo dia. Não fiz as contas – me parecia obsceno fazê-las –, mas tenho quase certeza de que morreram no mesmo dia. Dia 24, na manhã seguinte à morte do padre, o porteiro do edifício de Carlos se preocupou porque não o via há dois dias. Tocou a campainha, não responderam, sentiu um cheiro intenso – ele mesmo diria “intenso” –, foi buscar a chave. Encontrou-o morto na cama, “o rosto tranquilo como se estivesse dormindo”. ... tomei conhecimento naquela mesma tarde, por acaso: apesar de ser terça-feira, resolvi ir até a casa dele porque ouvi na televisão que haviam matado o padre Fiorello e achei que a notícia justificava que rompesse nossas regras. Estava na hora da sesta; passei algum tempo tocando a campainha de baixo até que o porteiro apareceu com cara de sono e me perguntou se eu não soubera da notícia. Estive a ponto de dizer-lhe que sim, que por isso mesmo estava ali, e me contive: o homem não tinha por que comentar comigo a morte do padre. Perguntei-lhe que notícia, e seu rosto mudou-se: se deu conta de que havia falado demais e que, pior, teria de continuar falando. Então me contou como o encontrara, o alvoroço policial, as fotos, a ambulância...Subi. O apartamento estava igual à última quinta-feira: um pouco frio, um pouco vazio – como se estivesse habitado havia muito tempo por um morto. Os papéis estavam sobre a mesa: talvez Carlos estivesse trabalhando neles quando teve a parada cardíaca – se é que teve uma parada. Comecei a lê-los e não consegui parar; acho que foi naquele momento – já naquele momento que decidi organizá-los. Primeiro fui a Tres Perdices para tomar conhecimento dos detalhes da morte do padre. Depois voltei a seus papéis: passei um par de semanas corrigindo sua sintaxe, sua prosa – de uma dureza estranha. Agora me parece que, mais que se vingar, o que ele queria era escrever sua história. E, como tudo aquilo que tentou, saiu errado. (CAPARRÓS, 2011: p. 325,326).

Assim, podemos dizer que um dos maiores triunfos do romance *A Quem de Direito* é mexer com a paciência do leitor. Fazê-lo pensar. Uma provocação àqueles que lutaram e se esqueceram de porque lutaram. Uma homenagem aos que desapareceram e uma mensagem de que heranças políticas e ideológicas podem criar heróis de fachada e heróis esquecidos, pois quase sempre os ditadores do passado tornam-se heróis no presente.

2. Contexto Político da ditadura: O Drama dos Desaparecidos

“A terra não quer ser cúmplice...”
Luiz Fernando Veríssimo

Para entendermos a maneira como o Terrorismo de Estado se estabeleceu como meio escolhido para ampliação de uma concepção política e como a atividade que possibilitou efetivar um projeto de “reordenamento” das instituições da política local, pautado, por sua vez, no projeto econômico de superexploração da mais valia absoluta, é necessário recorrer ao processo imediatamente anterior, ou seja, a conjuntura que possibilitou o retorno de Juan Domingo Perón depois de ser deposto do cargo de Presidente e exilado na Espanha como analisado pelo historiador Luis Alberto Romero. Antes, porém, cabe lembrar que durante este período de tempo o movimento que continuou a basear os preceitos do Justicialismo, teoria política do movimento peronista, enfrentou proscricções, divisões e embates internos com definições importantes em meio ao movimento operário argentino.

Os líderes do peronismo, movimento considerado um dos maiores movimentos populares surgidos no contexto pós II Guerra mundial na América Latina, davam indícios de que a volta de Perón ao país poria fim ao conturbado processo de crise generalizada relegada ao contexto marcado por experiências que oscilou entre golpes militares e governos civis.

Para compreender melhor a importância do movimento peronista na argentina precisamos trazer memória a data de 4 de junho de 1943, uma data marcante para a história da argentina, pois os generais Arturo Rawson e José Pedro Ramirez, de tendência nacionalista, depuseram do poder o presidente Ramón Castillo (1942-1943), assumindo o general Rawson.

Este período é marcado por alguns acontecimentos muito importantes para o futuro do país, dentre eles: o surgimento de um grupo denominado GOU (Grupo de Oficiales Unidos) no qual, dentre os integrantes, destacamos Juan Domingo Perón que ocupava um cargo na *Secretaria de Trabajo y Previsión*.

Através do acesso tomou algumas medidas benéficas para as classes mais desfavorecidas como o aumento do salário mínimo, a atribuição de férias, subsídios de alimentação, seguro social e reformas obrigatórias, estas duas últimas passaram a abranger os trabalhadores rurais. As medidas foram acordadas por meio de uma política de negociação com os dirigentes sindicais, à exceção dos dirigentes sociais comunistas, que foram claramente afastados de todo o processo negocial.

Rapidamente o coronel chegou à vice-presidente, tornando-se uma das figuras mais predominantes do governo. Foi criticado à sua esquerda por alguns mais radicais, mas principalmente à sua direita, pela oligarquia argentina que organizou até 1946 inúmeras ações para afastar Perón do poder. A que mais se aproximou desse propósito foi uma ação do exército em conjunto com alguns setores mais poderosos da sociedade argentina realizada em 8 de Outubro de 1945. Como resultado Juan Perón foi forçado a renunciar de seu cargo público e foi preso quatro dias depois. Mas, Perón, não era qualquer líder, sua estratégia: aproximar e ajudar a classe menos favorecida, o que deu a ele um enorme prestígio e forte apoio popular.

A população quando soube do fato foram às ruas em manifestação de apoio a Perón. Foi uma manifestação grandiosa, tão grandiosa que acabou por originar em sua libertação. Isso permitiu Perón preparar um novo caminho – o caminho do seu “reaparecimento” político por meio do qual, posteriormente, com o apoio desse grupo de desfavorecidos, constituiria uma de suas bases de apoio político ao que chamará de peronismo.

Foi neste clima de “pré-guerra civil” que foram marcadas “elecciones completamente librés” (FABIAN, 2006: p. 14) para o início do ano subsequente.

A sociedade argentina encontrava-se dividida entre um setor que compreendia a classe alta, os latifundiários, a igreja católica e alguns “caudillos” que dominavam regiões rurais da Argentina através de formas de cacique, e outro composto por agrupamentos de classes trabalhadoras, alguma classe média assim como certos assalariados agrícolas. Esta divisão da

sociedade foi claramente notória nas eleições de 24 de Fevereiro de 1946 quando o *Partido Laborista* de Perón ganhou as eleições com apenas trezentos mil votos de diferença, correspondentes a menos de dez por cento de vantagem.

O movimento peronista, inicialmente, representou um grande avanço de modernização social e econômica. No âmbito social, no sentido de acesso democrático ao poder e, no econômico, no sentido de industrialização. Já que o partido de esquerda da Argentina – comunistas, socialistas, anarquistas – tinha rompido com as massas aderindo, na maioria das vezes, ao liberalismo das elites, que tinham como objetivo alcançar um maior desenvolvimento capitalista na Argentina.

Foi durante o governo de Perón que o Estado começou a ter mais autonomia para resolver os conflitos existentes entre trabalhadores e patrões. De certa forma, diante do momento favorável que desfrutava Perón, começa a florescer no Estado uma espécie de protecionismo em seu processo de industrialização.

A opção pela industrialização possibilitou um grande crescimento da economia Argentina e, ao mesmo tempo, nesse processo, tornava-se possível a inserção econômica de setores sociais que até esse momento eram desprezados devido à dependência argentina de produtos estrangeiros.

Nesses processos de transformações, a política que foi implantada foi autoritária. Ainda que pareça contraditório falar em democracia e autoritarismo, este período foi marcado por esse paradoxo. Nas palavras de Luis Alberto Romero (1994: p.126-129)

La política peronista se caracterizó por um flerte impulso a la participación del estado en la dirección y regulación del estado em la dirección y regulación de la economía... a la vez, hubo una generalizada nacionalización de las inversiones extranjeras, particularmente de empresas controladas por capital británico que se hallaban em pleno proceso de repatriación... Se dio flerte impulso a Gas del Estado com la construcción del

gasoducto de Comodoro Rivadavia a la Flota Mercante y a la incipiente Aerolíneas Argentinas. El Estado avanzó incluso em actividades industriales, no sólo por la via de las fábricas militares sino por um grupo de empresas alemanas nacionalizadas. Pero la reforma más importante fue la nacionalización del Banco Central desde donde se manejaba la política monetária, creditícia y el comercio exterior. (ROMERO, 1994: p.126-129)

A fundação deste “estado Peronista” alicerçava-se numa complexa rede de interdependência entre a classe trabalhadora por meio das suas representações, 15 organizacionais, nomeadamente sindicatos e grêmios, e o aparelho burocrático (propriamente dito).

A capacidade do governo de captar grande parte do “aparelhismo sindical” pela absorção e controle de inúmeras figuras de setores teria sido fundamental para consolidar o “Peronismo”. Durante este período, criaram-se novas organizações nas quais Eva Perón teve um papel fundamental, entre as quais fundações, as células do partido Peronista (recém-criado) e também secretarias de estado, como por exemplo, a *Secretaria de Trabajo* dirigida por Evita. No entanto, isto não significa que a contestação social e política tivesse cessado, pois, os sindicatos independentes e grupos da sociedade civil persistiram na contestação à Perón.

O processo ditatorial na Argentina teve seu início na década de 70, mais precisamente a partir de 1973 sob o período do III governo peronista denominado Alianza Anticomunista Argentina (Triplo A). Porém, somente em 1976, com o apoio de grande parte dos empresários e dos políticos da época, é que os militares conseguem chegar ao poder por meio de um golpe de Estado, implantando definitivamente o terrorismo na Argentina.

Ainda, segundo o historiador Luis Alberto Romero (2006: p.186)

Os três anos da segunda experiência peronista, verdadeiramente prodigiosos pela concentração de acontecimentos e sentidos, encerraram – de maneira infeliz e tenebrosa – toda uma época da história argentina. É difícil saber em que momento do exílio Perón deixou de ver a si mesmo como o chefe incorruptível da resistência, disposto a desbaratar as tensões provenientes do poder, e passou a se considerar o

homem destinado a pilotar o vasto projeto de reconstrução, que empreendeu como último projeto da sua vida. É possível duvidar se essa mudança de perspectiva se tratou de decisão deliberada ou se ele foi levado a isso por circunstâncias incontrolláveis mesmo para seu imenso talento tático. O certo é que, feito isso, ele armou o seu projeto – parecido, mas diferente de 1945 – sobre três bases: um acordo democrático com as forças políticas, um pacto social com os grandes representantes corporativos e uma condução mais centralizada de seu movimento, até então espalhado em várias frentes e dividido em estratégias heterogêneas”. (ROMERO, 2006: p.186)

Foi um período de grandes lutas internas, principalmente, pelo retorno de Perón a Argentina. Um retorno que trazia ao povo argentino a esperança de que o movimento justicialista pusesse fim à instabilidade no país.

Na visão de Andrés Cisneros (1998: p.60) foi,

Así como las transformaciones económicas, demográficas y sociales producidas por el éxito del proyecto de la Generación del '80 habían conducido a la revolución política del radicalismo, que a partir de 1916 incorporó las clases medias al proceso político, el atolladero de la década de 1940 facilitó a la emergencia del peronismo y a la incorporación política de los sectores criollos de clase baja, que hasta entonces permanecían excluidos.

Portanto, podemos dizer que o grande problema da fragilidade do peronismo estava justamente no fato de que não havia nenhum setor social e econômico que apoiasse Perón de forma hegemônica, integral. Desta forma, diante de classes heterogêneas, a ideologia do peronismo fica altamente comprometida desde a sua matriz. Por tais motivos, o sistema ideológico peronista não podia ser sustentado como algo definitivamente justo, livre e soberano.

As palavras de Perón, em uma de suas cartas no exílio, ilustram bem essa tensão,

Qué busca el Peronismo? No intentamos de ninguna manera, a sustituir un hombre por otro; sino un sistema por otro sistema. No buscamos el triunfo de un hombre o de otro sino

el triunfo de una clase mayoritaria, y que conforma el pueblo argentino: *LA CLASE TRABAJADORA*. Y porque buscamos el poder, para esa clase mayoritaria, es que debemos prevenirnos contra el posible "espíritu revolucionario" de la burguesía. Para la burguesía, la toma del poder significa el fin de su revolución. Para el proletariado -la clase trabajadora toda del país- la toma del poder es el principio de esta revolución que anhelamos, para el cambio total de las viejas y caducas estructuras demo-liberales." (PERÓN, Madrid, 24 de octubre de 1967, archivohistorico.educ.ar/carta-de-peron, grifo nosso)

É impossível determinar se, de fato, Perón levou em conta na formulação das concepções cristãs essa frase, mas o que é certo é que ele queria apresentar um processo verdadeiramente revolucionário, que apontou para a mudança absoluta do sistema. Por volta de 1965, provavelmente, Perón entendeu perfeitamente que na Argentina milhões de jovens estavam esperando por aquelas palavras. Além disso, podemos perceber que todo o texto é escrito em código marxista, especialmente em relação à burguesia. Uma reflexão sobre o papel da burguesia na sociedade argentina e a necessidade de uma revolução. Uma forma de substituição da burguesia pelo proletariado e da implantação da revolução social pelo caminho da violência.

Na prática, o discurso de Perón proporciona um equilíbrio de classes e motiva o confronto sob a ação do protecionismo. Mas, de forma paradoxal, o movimento peronista era um discurso exaustivamente marxista, pois, incentivava as classes a uma luta armada. Contudo, embora Perón tivesse boa aceitação do povo podemos dizer que sua relação com eles não passava de uma relação emocional. Daí a fragilidade do sistema peronista, que ora apoiava o trabalhador, ora tinha discurso equilibrado, ora radical, ora seus discursos se tornavam uma espécie de contradiscurso. Isso sem dúvida alguma levou o movimento peronista a uma ruptura ideológica, pois nenhum sistema pode ser baseado em discursos emocionalistas.

A partir de então, a implantação de uma política de choque repressiva foi uma questão de tempo. Nesse cenário, o terror vai se tornando mais consistente e efetivo, principalmente, devido a um poderoso aliado do governo, o Exército.

Nesse contexto de uma sociedade totalmente fragmentada por vários segmentos sociais rivais, nasce uma situação de instabilidade política gerada por múltiplos governos é quando as Forças Armadas assumem a tutela sobre o sistema político.

Como esse sistema vai sendo construído? Como ele vai se tornando cada vez mais sólido? Uma das formas adotadas para a implantação do terror no Estado estava basicamente sob dois alicerces: o desaparecimento de pessoas e a desinformação. Estas eram algumas das estratégias para implantação e propagação do terror no governo.

Os militares argentinos elaboraram sua estratégia tendo como alvo não somente os militantes de organizações políticas e dissidentes políticos, mas também toda a população.

Esta afirmação pode ser corroborada a partir da declaração feita pelo general Ibérico Saint Jean, governador da província de Buenos Aires entre abril de 1976 a março de 1981. Em um jantar oficial em maio de 1977, o militar teria dito: “Primero mataremos a todos los subversivos, luego mataremos a sus colaboradores, [...] a sus simpatizantes, [...] aquellos que permanezcan indiferentes y finalmente mataremos a los tímidos.” (GOMES, 2006: p. 588)

Quanto ao desaparecimento de pessoas, podemos dizer que o conjunto das práticas como sequestro, tortura, morte e desaparecimento são um conjunto de ações para implantação do medo na sociedade argentina. São condutas organizadas, consciente e racionalmente, implantadas como forma de dominação política pelos civis e militares responsáveis pela ditadura.

Esse método era visto como superior aos outros quando se tratava de eliminar ‘os inimigos’ do Estado, pois como afirma Padrós (2005: p.653) era possível:

1- evitar a reação externa que poderia produzir os fuzilamentos massivos; 2- evitar a reação interna de uma sociedade despreparada para aplicação massiva ou seletiva da pena de morte; 3- obter enormes vantagens sobre o inimigo; 4- possibilitar a aplicação massiva da pena de morte (incluindo idosos e menores); 5- proteger erros e excessos e evitar ações da vítimas; 6- diluir responsabilidades futuras.

Podemos ter uma ideia do que foi esse terror ao ler um trecho da carta publicada no jornal 'Em Tempo', em outubro de 1979,

[...]

Se Ele Voltasse...

Não choro de pena de meu filho. E, se fosse possível voltar de onde ele está, eu lhe pediria para continuar pensando e agindo como sempre pensou e agiu. Ainda que isso importasse em ser novamente assassinado. Pois prefiro vê-lo morto, uma e mil vezes, a tê-lo por longos anos a meu lado numa inconsciência inútil, estúpida e criminosa! Luiz Eurico Tejera Lisbôa, seu espírito há de pairar sobre os justos movimentos reivindicatórios deste país, dando força, lucidez e coragem a seus participantes! Luiz Eurico Tejera Lisbôa, onde quer que esteja há de estar pedindo justiça e liberdade para este povo humilde e esquecido que ele tanto amou! (LISBOA, 1999: p. 164-166)

Analogicamente no Brasil, que também viveu seu período de horror durante a ditadura militar (1964 -1985), temos o desabafo de uma mãe, chamada Clélia Tejera Lisboa, que na procura pelo seu filho desaparecido entre os anos de 1972 e 1979 encontra não o seu filho, mas os ossos dele em uma vala comum do cemitério de Perus em São Paulo em 1982, portanto 10 anos depois de sua morte.

Seus ossos foram levados para o cemitério de Porto Alegre em 02 de setembro de 1982. Segundo o juiz da 1ª Vara, a exumação do corpo de Luiz Eurico, que estava na sepultura de Nelson Bueno, não correspondia ao laudo descrito no processo – os ossos apresentavam fraturas indiscriminadas e não os orifícios correspondentes ao tiro no crânio com que, na versão policial, Luiz Eurico teria se suicidado.

Nesse contexto de dor, sofrimento e luto é que Lisboa resolve publicar o livro, *Condições Ideais para o amor*, baseado no depoimento das pessoas que conheceram seu filho, Luiz Eurico.

Sendo assim, podemos dizer que nas palavras dessa mãe, a maior dor não é a perda do filho, embora sofra com sua ausência. A maior dor desta mãe é a falta de justiça. São os olhos do Estado ignorando o desaparecimento das pessoas e a existência de tais métodos repressivos. São dores que se assemelham, quer no Brasil – com a dor de Dna. Clélia Tejera Lisboa, quer na Argentina – com a dor das “Madres de la Plaza de Mayo” que também tiveram seus filhos sequestrados, torturados, mortos, desaparecidos.

O terror que elimina a dimensão individual do homem com a finalidade de apagar toda e qualquer individualidade, elimina também os indivíduos e cria o todo, o todo totalitário. Pressionando os homens uns contra os outros, destruindo o espaço entre eles, subjugando-os ao poder repressivo como forma de domínio e controle pelo Estado. Embora, nas palavras do Prof. Dr. Paulo Augusto de Souza Nogueira da Universidade Metodista de São Paulo, a ditadura é algo “mais baixo mesmo, é o trabalho sujo, sem ideologia”.

Citarei a Hannah Arendt, que foi uma filósofa política alemã de origem judaica perseguida pelo nazismo na Alemanha tendo que fugir de seu país, mesmo sabedor de que sua reflexão filosófica esteja relacionada de maneira mais veemente com o totalitarismo do tipo: nazismo, stalinismo, facismo, por entender, que o nacionalismo argentino (peronismo) possui muitas facetas históricas que me permite alinhar com as reflexões de Arendt.

Sendo assim, para Hannah Arendt (1989: p. 518)

Em lugar das fronteiras e dos canais de comunicação entre os homens individuais, constrói um cinturão de ferro que os cinge de tal forma que é como se a sua pluralidade se dissolvesse em Um- Só-Homem de dimensões gigantescas. [...] destrói também o deserto sem cercas e sem lei, deserto da suspeita e do medo que a tirania deixa atrás de si.

O terror, portanto, elimina todo o processo de liberdade, isto é, a própria fonte de liberdade que está no nascimento do homem e na sua capacidade de começar algo novo.

Nesse processo, ele reina supremo, pois vai tirando do seu caminho todo aquele que possa interferir. Nas palavras de Arendt (1989: p.514) “é a lei em movimento”. Ou seja, uma aplicação prática do terror, utilizando-se das mais diversas maneiras, tais como: torturas, mortes, desaparecimentos ou prisões nos campos clandestinos de detenção.

O terror total é a força motriz que elimina a capacidade do homem para a palavra e a ação, cuja concretização ideológica da política ditatorial do Estado tem como principal objetivo dissolver ou diluir os homens em "Um-Só-Homem de Dimensões Gigantescas”.

Essa diluição rompe com os espaços políticos entre os homens e os tornam marionetes; “ela erradica dos seus corações o amor à liberdade – que é simplesmente a capacidade de pensar, falar e agir”. (ARENDDT, 1989: p. 518)

Sendo assim, "Um-Só-Homem de Dimensões Gigantescas” corrompe todas as demais relações, ou seja, sua solidariedade, sua vida política e principalmente sua vida pessoal. Trata-se de uma forma de governo com a qual é impossível a pessoa humana coexistir, pois não somente isola os indivíduos como faziam as tiranias, mas priva-os de todas as relações com os seus próximos e consigo mesmos através da ideologia, “a lógica de uma ideia” (ARENDDT, 1989: p.521); do terror, cujo objetivo é impossibilitar toda a resistência e toda a ação; da inutilidade, criando neles um sentimento de “não pertencer ao mundo de forma alguma” (ARENDDT, 1989: p.528).

Como exemplo, de forma análoga a ditadura argentina, temos nos campos de concentração o regime totalitário, que não somente destrói e assassina a pessoa humana, sua autoestima, sua identidade, sua capacidade de pensar, seu caráter, como também apaga a distinção entre vítimas e carrascos. Levando-o a pensar que tudo aquilo que está acontecendo com

você é tão somente porque é merecedor. “O novo que ninguém jamais previu”. (ARENDDT, 1989, p.509-510)

A capacidade de manipular a sociedade para manter o regime ditatorial por meio da desinformação e da perda da identidade como parte consciente da implantação do terror no Estado Argentino relacionada aos desaparecidos é quando percebemos que a ausência de informação gerada pela incerteza de fatos a respeito do que aconteceu aos indivíduos de uma sociedade é uma forma explícita e consciente de disseminar o medo. Como afirmou um militar argentino da época “los cadáveres no se entregan...” (CONADEP, 1995: p. 241)

Na Argentina, a desinformação a que era submetida à sociedade foi denunciada durante a realização do Campeonato Mundial de Futebol de 1978 pelas Madres de Plaza de Mayo à imprensa internacional. Em um vídeo bastante emotivo, perguntam aos repórteres estrangeiros: “ ¿Por qué no dicen a nosotras si están vivos o si están muertos? ¿Por qué no nos dicen? Nosotras buscamos eso, nada más. Qué nos respondan, nada más, y después nos retiramos.” Outra mãe afirma: “El gobierno no es que dice mentiras. Miente. Miente. Hace dos años que estamos aquí.”

Nosotros solamente queremos saber dónde están nuestros hijos. Vivos o muertos. Angustia porque no sabemos si están enfermos, si tienen frío, si tienen hambre, ¡No sabemos nada! ¡Qué desesperación, señor, porque ya no sabemos a quién recurrir... Consulados, embajadas, ministerios, iglesias... Todas las partes se nos han cerrado las puertas. Por eso les rogamos a ustedes, ¡son nuestra última esperanza! ¡Por favor, ayúdenos! ¡Ayúdenos, por favor! ¡Son nuestra última esperanza! (ANISTÍA INTERNACIONAL, 1977: p. 40)

Desenvolveu-se na Argentina uma forma de pensamento insinuando que os desaparecidos saíram de casa livremente. Abandonaram seus lares para fazerem parte de uma organização clandestina e que, portanto, o governo nada tinha a ver com isso e muito menos poderia ser culpado de alguma coisa.

Por fim, de acordo com Horacio Riquelme (in Apud Caroline Bauer, 1993: p. 132-133), existem três fatores que contribuem para expansão do terror dentro do Estado como forma de dominação política. São eles: o período em que os familiares se empenham por encontrar o desaparecido entendendo que sua ausência é apenas momentânea e não uma perda definitiva; a segunda etapa seria a aceitação de que aquela pessoa está desaparecida, porém, sempre procurando informações sobre o paradeiro dela; e, por fim, a aceitação de que seu familiar desaparecido, de fato, está morto.

Para os familiares, porém, enfrentar a situação de desaparecimento não era algo simples, muito menos fácil, era muito pior do que a morte. Afinal a dor de não ter um corpo para sepultar, para o luto, gera a impressão constante de que a qualquer momento ele (a) retornará para casa. A ausência do corpo, de certa forma, também é a ausência do luto.

De acordo Pavlovsky (in Apud Caroline Bauer, 1994: p.117, 121, 133)

Apareció esto del desaparecido. Que nosotros no sospechábamos entonces que pudiera darse tanta crueldad,... por eso creo que se cortó una etapa muy feliz. Nunca pude volver a vivir este tiempo. Mi compañera tiene una presencia y una ausencia. Una ausencia sin remedio. Y al mismo tiempo una presencia permanente. [...] Alguna gente me dice: 'Si a mí me hubieran pasado cosas así, yo me hubiera muerto.' A esto respondo: No, no te hubieras muerto porque hubieras salido a pelear, a buscar. Porque en ese momento teníamos todos la esperanza de que nuestro hijo desaparecido estuviera en otro lado y mi otra hija estuvo por varios días esperando esa llamada, creyendo que estaba en algún lado y que iba a llamar. Hubo esa esperanza. No es la muerte, sino la desaparición que es mucho peor. La angustia que se vive... Y con esa esperanza uno vivía hasta que aparecieron los N.N.; los informes que venían del exterior y las cosas que sospechábamos se fueron comprobando en la realidad. Nosotros teníamos mucho miedo al principio, como mucha gente. [...]“Puedes entender a todos. Puedes entender la historia, que desapareció gente, lo que a tu papá le pasó. Todo claramente. Pero nunca completar la historia. Es más emotivo, es muy concreto. Te enterás, pero igual, vos sentís esa ausencia más allá de lo que comprendas. lo sentís. Y estás sintiendo impotencia, siempre.

O medo, a frustração, um misto de confusão e incerteza gerado nos familiares que perpassa seus corações fazendo-os lutar constantemente para

reorganizar suas vidas, que de certa forma, sempre serão inconclusas, indefinidas, contraditórias, já que, é impossível incorporar a perda e o luto sem uma confirmação concreta de suas mortes.

Conviver com a agonia da perda, do isolamento, das torturas físicas e psicológicas era, ao mesmo tempo, conviver com as fantasias e com a realidade, no primeiro, na memória de um familiar o desaparecido ainda está vivo e isso gerava esperança; no segundo, torna-se simplesmente insuportável aceitar a perda de um ente querido, principalmente pela forma como isso se deu. Ou seja, embora não houvesse informações claras, mas silenciosas, era de conhecimento da população a existência de Centro Clandestino de Detenção (CCD). Um lugar onde era comum a prática do interrogatório, das torturas físicas e psicológicas. Especialidades antecedentes a morte e ao posterior desaparecimento dos corpos.

Riquelme (in Apud Caroline Bauer, 1993: p. 35-36), revela em suas palavras a agonia que estava presente no coração destes familiares, ao dizer:

Não há uma situação de luto percebida como tal, mas se experimenta uma sensação de ausência sem vias de solução. Ausência ou perda do ser querido não são sinônimos, uma vez que '... o processo de luto ou o sofrimento é indispensável para a assimilação da perda [...] Através do luto a pessoa aprende a aceitar a mudança que se segue a todo falecimento de um ente querido. Quando este processo de luto não se realiza plenamente (quando fica inacabado), há pouca probabilidade de que se possa conseguir uma adaptação saudável à perda sofrida [...] O sentimento de ausência do ente querido adquire pois uma qualidade crônica nos familiares e incide profundamente em seu comportamento social.

Somente na Argentina houve, segundo informações da CONADEP (Comissão Nacional de Desaparecidos Políticos), durante o período da ditadura cerca 8.960 denúncias de desaparecimento de pessoas. No mesmo período, 1.898 corpos foram encontrados. Mas este número, segundo a CONADEP, não é definitivo, já que o cálculo utilizado na época era de que a cada denúncia

feita, outras duas ficavam sem registro. Resultando, portanto, em um número aproximado de 30 mil desaparecidos.

Os desaparecidos são também um dos temas importantes ressaltados pelo autor argentino Martín Caparrós. Há uma preocupação evidente de sua parte, pois trabalha de forma exaustiva o tema dos desaparecidos em seu romance. Tomemos como exemplo, o personagem Carlos, que repetidas vezes pergunta-se em alguns de seus encontros com outros personagens sobre o paradeiro de sua esposa Estela, “o que eu quero saber é o que fizeram com minha mulher, quem foi que a matou, se é que a mataram, o que aconteceu com a criança, me fiz de idiota por muitos anos mas agora não agüento mais, preciso saber”. (CAPARRÓS, 2011: p.127).

Diante do sofrimento do personagem Carlos, podemos ter uma idéia do quanto foi terrível este período da ditadura na argentina, pois reflete a angústia de um homem que teve a esposa levada pelos agentes de repressão durante o período do regime militar e nunca mais soube de seu paradeiro. O desaparecimento de Estela e a falta de informação sobre o que realmente teria acontecido – a suposta morte, a morte possível de Estela – era uma espécie de sombra acompanhando Carlos o tempo todo. Isso doe, diz ele: “a morte, a suposta morte de Estela me doeu como nunca me doera antes” (CAPARRÓS, 2011: p.138)

Carlos precisa lidar com perda, com a dor, com a incerteza, e isso o fazia se sentir culpado, por isso, na sua visão, pior do que não ter feito nada na época, era não fazer nada naquele momento. Ele diz: “leve anos acreditando que, já que ela estava morta, eu poderia fazer com ela o que quisesse: pensar que não estava morta, por exemplo, ou pensar que estava morta [...] nos últimos tempos, desde que comecei a reconstruir a história, me dei conta de que tinha de tomar alguma decisão: tinha de decidi-la”. (CAPARRÓS, 2011: p.144)

A idéia de não saber o que aconteceu de fato com Estela, de certa forma, permitia que Carlos continuasse tendo esperança – um paradoxo entre a fantasia e a realidade.

Portanto, a ascensão do regime ditatorial ao poder significa a dissolução da autoridade política do Estado nacional e das instituições de que se apossa, entre uma autoridade real e uma autoridade fictícia, entre um domínio ostensivo e um domínio real. Isso significa a dupla autoridade do partido e do Estado, uma real e outra aparente onde, por várias vezes, a fantasia dá lugar a realidade, não porque ela seja verdadeira, mas porque conforta os desesperançados.

[...]

Si él se fue...

[...]

Si ella se fue...

3. Filosofia e Política Argentina na Obra de Martin Caparrós

“[...] durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens” (Leviatã, 1999: p. 108-109).

Tentaremos mostrar, por meio da analogia, que a obra de Martin Caparrós *A quem de Direito* pode ser lida sob um olhar filosófico considerando a forma como Caparrós fala acerca do poder do Estado, especialmente, queremos considerar essa ideia utilizando-se do pensamento de Thomas Hobbes de Malmesbury, um filósofo inglês do século XVI, que em sua obra chamada *Leviatã* expôs seu ponto de vista sobre a natureza humana e a necessidade de governos e sociedades.

Na visão de Hobbes, o homem que vive em seu estado natural² tem direito a tudo, uma vez que todas as coisas são escassas, surgindo aquilo que ele denomina de “guerra de todos contra todos”. Seu desejo, expresso no *Leviatã*, é que a guerra acabe. Por isso, forma sociedades que estão debaixo do que denomina “contrato social”. Um acordo de espontânea vontade no qual todos os cidadãos livres manifestam seu interesse em que uma autoridade inquestionável – *Leviatã* – assegurasse a paz interna e defesa comum de todos.

Sendo assim, o problema da implantação do terror ou da ditadura na Argentina, dá-se quando um homem, ou vários homens, decidem quebrar, romper o pacto que foi livremente estabelecido para uma convivência harmoniosa e pacífica transferindo seu poder ao Soberano (Estado). Todo regime ditatorial gerará resistência quando questionado, pois é uma nova forma

² Estado natural, para Hobbes, é o estado em que vivem todos os homens. Ou seja, o modo como caracterizaria o homem antes de seu ingresso no estado social.

de poder que se opõe ao Estado que tem como objetivo rebelar-se contra o Estado criando um novo 'Estado' ou forma de poder contra a vontade da maioria.

Hobbes (1979: p.186) afirma que todos os homens que se rebelam contra a autoridade do Soberano devem ser punidos. Ele afirma:

Uma pena é um dano infligido pela autoridade pública, a quem fez ou omitiu o que pela mesma autoridade é considerado transgressão da lei, a fim de que assim a vontade dos homens fique mais disposta à obediência [...] o direito de punir pertence ao Estado, isto é, àquele ou àqueles que o representam, [...] porque não foram os súditos que deram ao Soberano esse direito; simplesmente, ao renunciarem o seu, reforçaram o uso que ele pode fazer do seu próprio, da maneira que achar melhor, para a preservação de todos eles.

Por isso, o Estado é o único que pode usar todos os recursos necessários, quando e como acreditar ser mais conveniente, para aplicação da punição por meio do seu poder, pois as penas “só podem ser aplicadas por transgressão da lei, não podendo portanto os inocentes sofrer penalidades, [...] mas quando os homens que não são súditos ou são inimigos o Estado pode e deve aplicar a punição, pois, todos aqueles a quem o Estado julgue capaz de lhe causar dano é legítimo fazer guerra” (idem, Ibidem: p. 189,190)

Martin Caparrós (2011: p.17) afirma: “... de vez em quando passávamos pelo susto de sentir que estávamos fazendo as coisas bem. Um bom país, quase conseguimos acreditar que estávamos fazendo um bom país”.

Nesse diálogo do personagem Carlos, descrito por Caparrós, fica evidente o interesse pela paz, pelo melhor, pelo justo. A sensação de que tudo o que fizeram no passado – seus atos políticos tinham como propósito fazer da Argentina um país melhor. Mas, Hobbes descreve que o homem em seu Estado Natural ainda que deseje fazer coisas boas e justas não consegue exercê-las como deveria, pois nesse estado, ele é egoísta, egocêntrico e inseguro. Ele não conhece leis e não tem conceito de justiça, mas somente

segue suas paixões e desejos misturados com sugestões de sua razão natural. Onde não existe lei ou governo, os homens naturalmente caem na discórdia, pois, “há na natureza dos homens três causas principais de discórdia. Primeiro, a competição; segundo, a desconfiança, terceiro a glória.” (LEVIATÃ, 1999: p. 75).

Por isso, a importância do Estado, não somente para promover a paz, como também, para inibir ou controlar os homens diante de suas paixões. Paixões estas que podem levá-lo a discórdia, a competição e a guerra, já que o homem é um ser que deseja o poder.

Essas paixões estão presentes na geração que vivenciou a experiência da ditadura, como o personagem Carlos, e são descritas por Caparrós (2011: p.21), pois, “embora tivéssemos indústrias para valer, fabricávamos carros, geladeiras, aviões [...] Evidentemente havia indústrias e proprietários de terras riquíssimos, operários e camponeses pobres, evidente que havia diferenças escandalosas, injustiças brutais, mas a maioria dos argentinos, mal ou bem, levava uma vida boa”.

A situação do país, na visão de Carlos, até que era boa, mas podia se tornar melhor com a intervenção deles. Então,

Nesse momento apareceu a nossa famosa geração e decidiu que este país era um desastre. Evidentemente, tínhamos razão. Não é justo que um sujeito possua mil vezes mais que outro. E, claro, encontramos razões para justificar o que estávamos dizendo: afinal, com algum esforço é possível justificar qualquer coisa. Assim, explicamos muito adequadamente, e, visto que o país era um desastre, era preciso mudar tudo, de cima para baixo. (CAPARRÓS, 2011: p.21)

Fica evidente na descrição de Caparrós a insatisfação da geração de Carlos quanto ao cenário argentino na época, principalmente devido às injustiças sociais: “quisemos inventar de novo aquele país que achávamos intolerável. Escolhemos metas e a forma que nos pareceu mais adequada.

Apostamos tudo para chegar lá; foi para valer, nos empenhamos a fundo, fomos generosos, fizemos todo o possível” (CAPARRÓS, 2011: p.23)

Na visão de Hobbes, essa ação “é uma desonra”, pois todo homem deve submeter sua conduta, para manter a paz e evitar a guerra de todos contra todos renunciando seus direitos e transferindo-os para o Estado. Isso significa que o modo pelo qual o homem simplesmente renuncia seus direitos, transferindo-os para o Estado,

É uma declaração ou expressão, mediante um sinal ou vários sinais voluntários e suficientes, de que assim renuncia ou transfere, ou de que assim renunciou ou transferiu o mesmo àquele que o aceitou. A isso chamamos de vínculos mediante os quais, agora, os homens ficam obrigados, vínculos que não recebem a força de sua própria natureza, pois nada se rompe tão facilmente do que a palavra de um homem, mas do medo de alguma má consequência resultante da ruptura. (LEVIATÃ, 2003: p. 80)

A essa transferência mútua de direitos, denominamos “contrato”. Um acordo entre a sociedade civil e o Soberano (Estado) para que não haja mais um Estado de discórdia, e sim, de paz entre os homens, que, por si mesmos, estariam em constante estado de guerra. Sendo assim, podemos perceber nas palavras de Hobbes a importância que tem cada indivíduo dentro do Estado, já que, suas ações e decisões recairão sobre si, os outros e principalmente afetarão o Soberano (Estado).

Carlos, de certa forma, percebeu isso em seu diálogo com seu velho amigo Juanjo ao dizer: “se o país está do jeito que está não seria porque nós falhamos e eles não? Não digo que está do jeito que está por nossa causa; digo que, quando estava melhor que hoje, quisemos melhorá-lo, e o resultado foi que criamos as condições para que eles o tornassem muito pior do que era antes”. (CAPARRÓS, 2011: p.23)

Podemos perceber nas palavras de Carlos um pessimismo histórico cada vez mais agudo e angustiante. Um pessimismo histórico que vai progressivamente aumentando à medida que vai aprofundando sua

investigação no romance sobre como a Argentina caminhou em direção totalmente oposta a que desejaram no passado. Uma crise de teoria do Estado, na qual nada do que fizeram faz hoje o menor sentido. Ao contrário, Carlos testemunha uma amargura quanto ao estado do mundo e da esquerda radical própria da sua geração. Trata-se da geração que conheceu a expectativa “do amanhã” em seus ideais, mas que depois, a única certeza que lhe resta é o caminho da desilusão brutal. Um desabafo político contra o que virou seu país, mas, sobretudo, como sua geração fracassou em seu propósito.

De certa forma, Carlos e sua geração também desejaram formar um “pseudo Estado”, ou seja, um Estado que deveria se impor contra a ditadura argentina buscando ser mais justo e igualitário.

Para Hobbes, há uma maneira de evitar fracassos quando observamos que a única maneira de instituir um tal poder comum capaz de defendê-los das invasões dos estrangeiros e das injurias uns dos outros, garantindo-lhes assim uma segurança suficiente para que, mediante seu próprio labor e graças aos frutos da terra, possam alimentar-se e viver satisfeitos, é conferir toda sua força e poder a um homem, ou a uma assembléia de homens, que possa reduzir suas diversas vontades, por pluralidade de votos, a uma só vontade. O que equivale dizer: designar um homem ou uma assembléia de homens como representante de suas pessoas, considerando e reconhecendo cada um como autor de todos os atos que aquele que representa sua pessoa praticar ou levar a praticar, em tudo o que disser respeito à paz e segurança comuns; todos submetendo assim suas vontades à vontade do representante, e suas decisões à sua decisão. Sendo assim, afirma:

...Mais do que consentimento, ou concórdia, é uma verdadeira unidade de todos eles, numa só e mesma pessoa, realizada por um pacto de cada homem com todos os homens, de um modo que; e como se cada homem dissesse a cada homem: *cedo e transfiro meu direito de governar-me a mim mesmo a este homem, ou a esta assembléia de homens, com a condição de transferires a ele teu direito, autorizando de maneira semelhante todas as suas ações.* (LEVIATÃ, 1979: p.105-106, grifo nosso)

Na visão de Hobbes, a transferência da autoridade que cada um tem de forma que este o governe, denomina-se Estado. Por isso, é conferido ao Estado o uso da força e do poder para manter a paz contra todos os seus inimigos da maneira que considerar mais conveniente.

Entretanto, segundo Weffort (1991: p.61), "não basta o fundamento jurídico – o contrato. É preciso que haja um Estado dotado de espada, armado, para forçar os homens ao respeito". Portanto, se não houver um Estado poderoso, coercitivo, que inspire temor aos homens, a base jurídica do contrato social hobbesiano, qual seja, a abdicação, por parte dos homens, de seu direito a todas as coisas, característico do estado de natureza, por um direito e liberdade limitados, equivalente ao de cada um de seus semelhantes, não será concretizada, o pacto social não será efetivado e a humanidade continuará a viver sob um estado de guerra permanente.

Assim, a individualização dos poderes do soberano é inadmissível, pois o poder é uno e indivisível, "é a unidade do representante, e não a unidade do representado, que faz com que a pessoa seja una". (LEVIATÃ, 1979: p. 110)

São os homens que em absoluta liberdade podem, se quiserem, dar autoridade a um homem, para representá-lo, pois Quando se faz um pacto em que ninguém cumpre imediatamente a sua parte e uns confiam nos outros, na condição de simples natureza (que é uma condição de guerra de todos os homens contra todos os homens), a menor suspeita razoável torna nulo esse pacto. Mas se houver um poder comum acima dos contratantes, com direito e força suficiente para impor o seu cumprimento, ele não é nulo. Pois aquele que cumpre primeiro não tem nenhuma garantia de que o outro também cumprirá depois, porque os vínculos das palavras são demasiadamente fracos para refrear a ambição, a avareza, a cólera e outras paixões dos homens, se não houver o medo de algum poder coercitivo – coisa impossível de supor na condição de simples natureza, em que os homens são todos iguais e juizes do acerto dos seus próprios temores. Portanto,

...aquele que cumpre primeiro não faz mais do que entregar-se ao seu inimigo, contrariamente ao direito (que jamais pode

abandonar) de defender a sua vida e os seus meios de sobrevivência. Mas numa república civil, em que foi instituído um poder para coagir aqueles que do contrário violariam a sua fé, esse temor deixa de ser razoável. (LEVIATÃ, 2003: p. 118-119, grifo nosso)

Para Hobbes, o Estado é um produto da vontade humana e, portanto, somos co-criadores dele. Nossa liberdade está, pois, em obedecer nossas próprias leis e estabelecer nossos próprios limites. Os verdadeiros “inimigos” são aqueles que criam obstáculos ao processo de fundação e continuidade do corpo político.

Aliás, isso fica claro mais uma vez no diálogo de Carlos (personagem) com Juanjo, quando fala a respeito do que poderia ter acontecido com Estela, uma suposta “inimiga” do Estado.

[...] Estela continuava à mercê daqueles homens que transformavam seu corpo num inimigo...Sussurram perguntas, gritam e sussurram insultos desdenhosos você não é ninguém, não existe ninguém, ninguém se importa com você. Você já está morto, você já está morto, você já está morto idiota e não lhes contaram, que dirigem a aplicação da energia elétrica as pancadas rupturas ameaças perguntas os insultos, que mostram ao homem à mulher do corpo amarrado à cama de ferro pendurado pelos braços empalado sufocado sacudido que agora são os donos de seu corpo até limites que esse homem essa mulher nunca supuseram, que são os donos daquele corpo, que podem fazer com ele com ela o que lhes der soberanamente na telha, o que quiserem. Absoluta, completamente o que quiserem: o poder. Chamar isso de a tortura não mostra não permite sequer vislumbrar, em seu esplendor raivoso a cena de maior poder que um homem pode exercer sobre algum corpo: tanto poder que só pode ser exercido sobre um corpo alheio. (CAPARRÓS, 2011: p.27)

Aqui Estela representa a luta contra o Estado ditatorial argentino, pois, a igualdade, segundo o pensamento de Hobbes, é a idêntica capacidade que os homens possuem de buscar a satisfação de seus desejos individuais, em especial, o desejo de poder. Por isso, tais homens, visando a alcançar seus objetivos – poder, glória, dentre outros – esforçam-se em destruir e subjugar o outro, enquanto, simultaneamente, buscam se auto-preservar.

Nesse sentido, Caparrós (2011: p.30) descreve o que poderia ter acontecido com Estela naquela noite em que iria se encontrar com Carlos,

[...] Estela entendeu que a única forma de evitar que a situação seguisse por um caminho sem retrocesso era seguir por um caminho sem retrocesso: mostrar-lhes que havia se rendido. [...] continuava à mercê daqueles homens que transformavam seu corpo num inimigo – e o de seu filho, nosso filho ainda por nascer, num morto sem passar pela vida.

Por isso, no pensamento de Hobbes, apenas um poder soberano poderia conferir ao mundo a sensação de segurança “perdida”. No final da primeira parte do *Leviatã*, ao tratar do contrato, Hobbes destaca a vulnerabilidade da palavra dos homens e a insegurança vivida na falta do poder Soberano, já que, quando se faz um pacto em que ninguém cumpre imediatamente a sua parte e uns confiam nos outros na condição de simples natureza (que é uma condição de guerra de todos os homens contra todos os homens), a menor suspeita razoável torna nulo esse pacto. Mas se houver um poder comum acima dos contratantes, com direito e força suficiente para impor o seu cumprimento, ele não é nulo. Pois,

Aquele que cumpre primeiro não tem nenhuma garantia de que o outro também cumprirá depois, porque os vínculos das palavras são demasiado fracos para refrear a ambição, a avareza, a cólera e outras paixões dos homens, se não houver o medo de algum poder coercitivo – coisa impossível de supor na condição de simples natureza, em que os homens são todos iguais, e juízes do acerto dos seus próprios temores. Portanto, aquele que cumpre primeiro não faz mais do que entregar-se ao seu inimigo, contrariamente ao direito (que jamais pode abandonar) de defender a sua vida e os seus meios de sobrevivência. Mas numa república civil, em que foi instituído um poder para coagir aqueles que do contrário violariam a sua fé, esse temor deixa de ser razoável. (*LEVIATÃ*, 1979: p.97-98)

Um alerta para a necessidade de garantias nas relações humanas, uma vez que o pacto deve ser cumprido por todos os indivíduos, e não por alguns apenas.

O corpo político hobbesiano não é apenas a reunião das forças individuais, mas também é o produto da vontade humana (reunião dos direitos

que cada um transferiu ao corpo político - Soberano). É uma convenção totalmente livre de seus cidadãos e, portanto, confere legitimidade ao pacto.

Para todos aqueles que se rebelaram contra essa nova forma de poder, contra o poder da ditadura, não restava alternativa a não ser a de suportar o terror implantado pelo exército, muitas vezes pagando com suas próprias vidas.

[...] Nós, agora, sabemos o que aqueles homens e mulheres tiveram de ir aprendendo dia após dia, o preço do pior desastre: que, nos últimos meses de seu esforço por salvar a pátria do demônio, alguns militares tivessem decido manter diabinhos vivos para mostrar de outra maneira, ainda mais absoluta, seu poder: que não só eram capazes de dar a morte como também à vida, que não só eram capazes de destruir seus inimigos como também de transformá-los em outros, em amigos, que nada resistia a seu poder transformador. Para, ao mesmo tempo, justificar-se perante algum recanto de suas consciências aflitas: quando matávamos, não matávamos porque quiséssemos, mas porque não havia outro remédio; agora que é possível, deixamos que fiquem vivos. (CAPARRÓS, 2011: p.31-32)

Deixar com que alguns ficassem vivos era uma forma de mostrar para sociedade o poder do Estado e suas façanhas. Era para que pudessem testemunhar, serem um exemplo vivo, um sinal de advertência do poder ilimitado que eles tinham. Como se dissessem: “eis o que acontece com aqueles que duvidam de nosso poder, da posição que compete a cada um” (CAPARRÓS, 2011: p.32).

Uma forma que revela a consequência imediata e dramática do terrorismo de Estado que vai avançando sistematicamente pelo mecanismo do terror implantado pelo genocídio de milhares de pessoas. Caracteristicamente aquilo que podemos chamar de uma ditadura clássica, ou seja, um regime que não está alicerçado no carisma de um líder, de uma ideologia, de um partido político que se sustenta por uma ideologia, ao contrário, “su principio de legitimación es outro: radica em el fundamento particular de um sistema político em el cual las Fuerzas Armadas son un componente esencial” (QUIROGA, 1994: p. 15)

Em tese, podemos dizer que a sociedade argentina é uma sociedade que tem interesse em conhecer melhor sua história. É por isso, que uma grande parte dessa sociedade argentina busca explicações para alguns fatos que ocorreram nesse período de horror. Tais como: “Teoria de los demônios y la Teoria de las victimas inocentes” mencionadas por Caparrós em seu romance. (CAPARRÓS, 2011: p.31,32).

Como explica o filósofo e escritor José Pablo Feinmann: “...la Teoria de los demônios sirvió al gobierno de Raúl Alfonsín para implementar sus relaciones con los estamentos militares y los organismos de derechos humanos. Desde su horizonte conceptual se elaboró el Nunca Más planteando que la sociedad – inocente em sí misma – se había visto arrasada durante los años de la extrema izquierda, el otro de la extrema derecha. Uno era la guerrilha, el otro la represión del Estado Militar”. (FEINMANN, 1999: p. 16-26).

De outro lado, o governo argentino por meio de um decreto (158/85) as ações de horrores cometidas contra vítimas inocentes – Teoria de las victimas inocentes – sob acusação dos militares que essas vítimas eram na verdade culpados. Essa teoria implica também na negação do princípio de inocência e do direito a defesa em favor dos militantes mortos e desaparecidos que jamais tiveram a oportunidade de apresentar-se diante da justiça para se defenderem. Sendo assim,

La sociedad se permite así, reconstruir un pasado em el que no figuran el apoyo masivo, político y moral, que recibieron los guerrilleros em los años 70 y el que recibieron los militares cuando asumieron el poder em 1976 y durante su mandato. También se desconoce, como plantea Duhalde, que ho vivimos em una sociedad postterrorista de Estado, que muchos de los objetivos propuestos fueron cumplidos y que, em buena medida, el gran capital y su instrumento, las Fuerzas Armadas, aceptan al régimen constitucional porque ya no quedan sectores capaces de articular una lucha social que ponga em riesgo sus intereses. (DUHALDE, 1999: p.18-21)

3. ANÁLISE DO ROMANCE *A QUEM DE DIREITO*: PLURALIDADE DE VOZES.

3.1- O sargento-mor Oscar Aldo Paredes X ex-militante Carlos: Um Mergulho Sem Esperança no Passado

“[...] no fim o mundo mudou em tudo, menos naquilo que queríamos” (Caparrós, 2011: p.139)

Na procura por desvendar o paradeiro de Estela, Carlos percorre um caminho de investigações. Nesse momento analisaremos um de seus encontros.

No capítulo XXV Caparrós descreve o encontro entre o personagem Carlos e o sargento Paredes, o ex-torturador. Um encontro marcado por dúvidas sobre fatos do passado que, para Carlos, ocupam sua mente o tempo todo no presente. A procura de esclarecimentos faz com que Carlos se aproxime do sargento. Na sua visão, poderia saber de alguma informação sobre o desaparecimento de Estela, que na época estava grávida.

Nesse momento, o narrador-personagem está diante da situação que certamente preferia não estar. Já que aquele momento o fazia lembrar de todas as situações vividas no passado. Naquela terrível ditadura. “¿Qué buscaba? Me costó decirle que a él. El suboficial mayor (RE) Oscar Aldo Paredes”³. (CAPARRÓS, 2008: p.212)

Carlos deseja saber o paradeiro de Estela. Mesmo agora, quase trinta anos depois, ter a possibilidade de descobrir o aconteceu com Estela era necessário, importante e fundamental para ele. O leitor se vê diante de um momento crucial, uma mistura de temor e interesse pela verdade. Ainda mais diante das palavras do ex-torturador que dizia: “Así como me vê, yo llegué a

³ “o que o senhor estava procurando? Foi difícil dizer que era por ele que procurava”. (CAPARRÓS, 2011: p.217).

ser um soldado importante. A mi me tñia miedo mucha gente, señor, no se vaya a creer”⁴. (CAPARRÓS, 2008: p.214)

No texto pairam diversas perguntas: O que haveria acontecido com Estela? Onde ela estava? E o bebê? Será que ele nasceu? Há um enorme conflito psicológico que o impulsiona a desvendar o passado, mas que ao mesmo tempo faz com que se sinta culpado por ele.

Nas palavras de Carlos,

[...] Es raro. Ya entonces era raro pero ahora, pasados más de treinta años, es casi incomprensible que muchos de los jóvenes más resueltos, más animosos cayéramos en la trampa de un milico jubilado: que, decididos a construir el socialismo, siguiéramos a un viejo populista medio facho. Que creyésemos que para conseguir lo que queríamos nos convenía negarlo tanto: fue curioso, nefasto⁵ (CAPARRÓS, 2008: p.92, 93)

Carlos sabia que para aqueles que nasceram e viveram no período da ditadura militar os fatos ocorridos nessa época tornaram-se inesquecíveis. Foi assim para ele, e não era diferente para o sargento “lo que pasó fue que yo tuve una época que estuve muy jodido: em serio Le digo, muy jodido”⁶ (CAPARRÓS, 2011: p. 214)

El suboficial mayor (RE) Oscar Aldo Paredes empezó diciéndome que yo no sabía el sacrificio que él había hecho - o que, quizás, debería decirme que no sabía el sacrificio que ellos, que todos ellos habían hecho – por la patria. Que si yo ahora lo veía así era porque él – bueno, él y muchos otros – habian dejado todo, entregado todo cuando se dieron cuenta de que no

⁴ “Quem olha para mim nem desconfia, mas já fui um soldado importante. Muita gente tinha medo de mim, senhor pode acreditar”. (CAPARRÓS, 2011: p.219)

⁵ [...] é estranho. Já naquela época era estranho, mas agora, passados mais de trinta anos, é quase incompreensível que muitos dos jovens mais decididos, mais empenhados, tenham caído na armadilha de um milico aposentado: que, decididos a construir o socialismo, tivéssemos seguido um velho populista meio fascista. Que acreditássemos que para obter o que desejávamos seria conveniente renegá-lo tanto: foi estranho, nefasto. (CAPARRÓS, 2011: p.93)

⁶ “o que aconteceu foi que passei por um período muito fodido: sério, muito fodido”. (CAPARRÓS, 2011: p.219)

había otra forma de derrotar a los enemigos de la patria⁷. (CAPARRÓS. 2008: p.214)

Carlos na sua visão unilateral, já que o narrador-personagem não tem o domínio de tudo e por isso procura respostas, continua: “o Sr. se arrependeu?”

O sargento responde: “absolutamente sí, mírame ahora [...] Yo era un héroe, en cambio nosotros éramos guerreros de verdad, pensé todo lo que hizo para mí patria tenía una deuda que tener cuidado de que nunca me falte nada, a mí, a mí familia, de nada de nada”⁸. (CAPARRÓS, 2008: p. 224)

A resposta do sargento revela a Carlos a sensação de que tudo o que foi feito não valeu para nada. Para nada serviu deixar tudo, como fez aquele sargento, e terminar daquela forma – esquecido pela sua pátria.

O Estado de Hobbes, para manter a ordem utilizava uma de suas armas mais poderosas – a vida humana. Como sugere o texto de Caparrós.

[...] Son todos iguales, mire lo que Le digo: nosotros cuando había que pelear fuimos y peleamos, los defendimos con las armas en la mano, nos bancamos cada cosa que ni se imagina, peleamos por ellos, le digo, los salvamos, y después cuando ya habíamos ganado nos tiraron a la mierda como un trapo de piso⁹. (CAPARRÓS, 2008: p. 221)

⁷ “Explicava o sargento para mim. Uma tentativa de revelar que eu não sabia o quanto tinha sido difícil para ele fazer o que tinha que ser feito pela pátria. E que seu agora o via daquele jeito “era porque ele – bom, ele e muitos outros – havia abandonado tudo, entregado tudo ao se dar conta de que não havia outra forma de derrotar os inimigos da pátria”. (CAPARRÓS, 2011: p.220)

⁸ “Claro que sim, olhe para mim agora [...] eu era um herói, pensei que tudo o que fazia a pátria tivesse uma dívida comigo, que ia cuidar para que nunca me faltasse nada” (CAPARRÓS, 2011: p.229)

⁹ “[...] Nós, quando era preciso lutar, fomos lá e lutamos, defendemos os caras de armas não mão, encaramos cada uma que o senhor nem imagina, lutamos por eles, nós os salvamos, e depois, quando a gente já havia ganhado, nos deixaram na merda feito um pano de chão. O que seria da Argentina se não tivéssemos lutado? ... fomos usados, nos mandaram para o front e nos usaram e no fim nos deixaram jogados feito um pano velho”. (CAPARRÓS, 2011: p.226)

Uma atitude, na visão do sargento, no mínimo hipócrita, já que “eles mesmos os incentivavam” a continuar “sacudindo bandeirinhas nos desfiles, aplaudindo-os”. No entanto, “depois se fizeram de idiotas”. (CAPARRÓS, 2011: p.227). Então, o seu ressentimento também aponta para uma forma autoritária do Estado, ou seja, fica evidente para o leitor que a fala do torturador revela uma grande desilusão – “o que seria da Argentina se não tivéssemos lutado?... eu era um herói, agora, sou um pano velho...” (CAPARRÓS, 2011: p. 226 -229)

Essa desilusão deve ser vista como uma forma de provocação dentro do romance de Caparrós, pois, os heróis que sofreram com a repressão hoje são colocados no mesmo nível daqueles que nada fizeram pela pátria. Embora para o sargento a pátria tivesse uma dívida para com ele, naquele momento Carlos percebe que única coisa que aquele sargento não tem é o cuidado da pátria – são todos os mesmos fodidos. Como afirma Carlos naquele encontro, antes de ir embora “eu tinha pelo menos de encontrar algum prazer em vê-lo daquele jeito, destruído, devastado – pagando um preço – mas, nem isso. Pensei que era curioso: que fazia muito tempo que eu não falava com ninguém que parecesse, à primeira vista, mais fodido do que eu” (CAPARRÓS, 2011: p. 233)

Neste momento do diálogo o sargento revela suas enormes frustrações para Carlos e, até mesmo, uma sensação de arrependimento, mesmo que, em outros tempos tenha sido um ‘herói’, ao menos a seu ver, agora se tornou um homem esquecido, desprezado e ignorado pela sociedade argentina. São “veinticinco millones de argentinos, todos: todos los mismos reventados”¹⁰ (CAPARRÓS, 2008: p.220)

Nesse aspecto é interessante notar como a literatura permite um olhar que relativiza a história, pois se propõe a dar voz ao torturador, ele também representado com uma angústia semelhante a do personagem Carlos. Afinal,

¹⁰ “vinte e cinco milhões de argentinos, todos: todos os mesmos fodidos”. (CAPARRÓS, 2011: p.226)

todos merecem ser ouvidos, até mesmo o torturador. Hoje, um homem frustrado e cheio de traumas do passado.

Podemos perceber isso devido ao fato de que a obra literária em sua construção dialógica do discurso pode ser representada em formas e graus diferentes dentro do texto. São textos em que se fazem presente uma multiplicidade de vozes, na maioria das vezes representada por “eu potencial do discurso”, ou seja, de um “eu” que personifica o coletivo e traz para o plano do discurso ecos de diferentes vozes na esfera da atividade humana – política, econômica, religiosa – representando nesse momento uma parte da História e da realidade, ainda que seja apenas pelo seu olhar para os fatos. Sendo assim, de certa forma, podemos dizer que quando esses diálogos se constroem no plano da vida cotidiana em relação imediata com a realidade existente eles passam a revelar um discurso que envolve várias faces de uma imagem, de um tempo, de uma história. Um discurso que ocupa lugar dentro das mais variadas vozes sociais, que fala através dos tempos nas obras literárias. Nas palavras de Bakhtin (1990: p. 100),

[...] todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações. Ele se entrelaça com eles em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros; e tudo isso pode formar substancialmente o discurso, penetrar em todos os seus estratos semânticos, tornar complexa a sua expressão, influenciar todo o seu aspecto estilístico. (BAKHTIN, 1990: p. 100)

Assim, o discurso pode ser tomado como uma forma de enfrentamento social marcado pelos acontecimentos históricos de lutas e combates ideológicos, muitas vezes, de dizeres selecionados e imaginários, mas que são controlados pelo sujeito, pelo “eu do discurso”, que pode desta forma, na obra literária, questionar as suas próprias ações e verdades, bem como a de outrem.

Por isso, quando o sargento Paredes revela a Carlos o que esperava que acontecesse com todos aqueles que lutaram pela sua pátria, que fizeram como ele: "coisas das quais era melhor nem lembrar" (CAPARRÓS, 2011: p. 227), assume nesse momento a posição do "eu discursivo" revelando sua visão dos fatos que aconteceram no passado como se representasse a voz de todos aqueles que, como ele, lutaram pela Argentina, mas foram esquecidos pelo tempo.

Justo ahí, mire, cuando podía estar disfrutando de todo lo que había peleado, de lo que habíamos ganado, qué injusticia [...] la única guerra en serio que peleó la Argentina en todo el siglo, la peleamos, la ganamos, y mire cómo nos pagan esos hijos de puta que les sacamos las papas del fuego. Nos negaron...¹¹ (CAPARRÓS, 2008: p. 222,223)

Esta parece ser também a sensação de Carlos, pois a cada relato que escuta faz com que reflita em sua memória se tudo aquilo que também perdeu compensou o que foi conquistado.

Além disso, parece que para Carlos, a cada encontro, a cada entrevista ele se aproxima mais e mais do homem cujo rosto jamais imaginou poder ver um dia: o 'chefe da tortura' do lugar onde Estela desapareceu.

O diálogo continua e finalmente Carlos enche-se de coragem para perguntar aquele sargento se um de seus postos de trabalho foi o campo de Aconcagua. Apelidado de "O chupadeiro"¹².

A resposta do sargento vem em forma de definição daquele lugar ao dizer:

¹¹ "justo nesse momento, quando eu podia estar me beneficiando do produto de tanta luta, do que havíamos ganhado, que injustiça... a única guerra de verdade que a Argentina lutou no século inteiro, a gente lutou nessa guerra, ganhamos, e olhe como nos retribuem esses filhos da puta para quem tiramos as batatas das brasas. Nos renegaram..." (CAPARRÓS, 2011: p. 227, 228)

¹² A palavra pode ser traduzida por "sumidouro"; designa centros clandestinos de detenção durante a ditadura militar argentina de 1976-83. Apud Caparrós, p. 36.

Sí, fue uno de los peores. Ahí pasaban rápido los pibes. No era como otros lados, que por ahí se te quedaban un mes, dos meses, mucho tempo. Ahí los teníamos que procesar enseguida y trasladarlos, porque no teníamos un carajo de lugar, se nos amontonaban¹³ (CAPARRÓS, 2008: p. 225)

Carlos motivado em continuar sua investigação sobre o paradeiro de Estela pergunta ao ex-torturador se no ‘chupadeiro’ havia um padre com eles.

Padre Augusto, respondeu o sargento, “na verdade não sei o que seria de nós sem o padre Augusto”. (CAPARRÓS, 2011: p.231)

El padre Augusto tenía sesenta y ocho años – que le habían hecho daño. Era un hombre flaco, casi frágil, la piel de las manos y la cara llena de manchas de vejez, la piel del cuello colgando com el buche de un gallo; sobre el cráneo – sobre las manchas de vejez del cráneo – algunos pocos pelos canos, labio finos, la nariz ganchuda, los ojos azules chiquitos opacados por los años pero vivaces, penetrantes. El padre Augusto se afeitaba todas las mañanas pero algo en su cara sugería descuido; sus pasos vacilaban aunque no hubiera bebido – y, cuando bebía, mucho más. Yo también se lo digo: fue el hombre más bueno que vivió en este pueblo¹⁴. (CAPARRÓS, 2008: p. 57)

Esta era uma forma de, segundo o sargento, aliviar a consciência e continuar naquele ‘inferno’.

¹³ “aquele foi um dos piores. Os meninos passavam depressa por ali. Não era como os outros lugares, onde eles ficavam um mês, dois meses, muito tempo. Lá tínhamos de processá-los em seguida e transferi-los – mandá-los para baixo – porque não tínhamos espaço”. (CAPARRÓS, 2011: p.230)

¹⁴ O padre Augusto tinha sessenta e oito anos – que o haviam marcado. Era um homem magro, quase frágil, com a pele das mãos e do rosto cheia de manchas de velhice, a pele do pescoço pendurada como o bucho de um galo; sobre o crânio – sobre as manchas de velhice no crânio – alguns poucos cabelos brancos, lábios finos, nariz em gancho, olhos azuis miudinhos que os anos havia tornado opacos, mas vivazes, penetrantes. O padre Augusto se barbeava todas as manhãs, mas algo em seu rosto fazia pensar em descuido; seus passos vacilavam mesmo que ele não tivesse bebido – e quando bebia, muito mais. Além disso, nunca um homem tão bom viveu neste povoado. (CAPARRÓS, 2011: p.56)

Para ele o padre Augusto era um pai, “el padre Augusto [...]Si,” era el tipo que siempre tenía un consuelo para uno, una frase, cualquier cosita”¹⁵ (CAPARRÓS, 2008: p.226) para ajudar as pessoas que saíam dali sempre aliviados que eram capazes de fazer qualquer coisa.

O padre Augusto era um oficial do exército que trabalhou na capelania e participou do Centro Clandestino de Detenção do regime militar (CCD) em que Estela desapareceu. Morreu com sete punhaladas. Um importante personagem na obra, não somente pelo que fez e onde trabalhou, mas também pela visão que Carlos têm a seu respeito. Para Carlos “ele certamente ajudará a matar Estela – por uma criança que ele talvez tivesse ajudado a entregar a sabe-se lá quem”. (CAPARRÓS, 2011: p.108)

Nessa certeza Carlos percorre o caminho da investigação e começa a pensar em uma forma de vingança para aliviar sua consciência. Embora nem mesmo soubesse claramente o que pretendia fazer para curar todo ódio que havia em seu coração, pois era uma vingança confusa,

algún modo de decirles a los que se habían llevado - ¿torturado, ¿ matado – a mi mujer y a mi hijo que yo no permitiría que todo eso fuera gratis. [...] ella se estaba disolviendo como yo me disolvía: pronto no quedaría de ella ni de mí la menor huella. La menor huella de nosotros. Entendí: la venganza es una forma extrema del recuerdo, el modo desesperado de avivar una huella que se borra¹⁶ (CAPARRÓS, 2008: p. 104,105)

Carlos se dá conta de que sente uma leve sensação de prazer olhando para aquele sargento naquela situação miserável, pagando o preço. Então, um pensamento curioso vem a sua mente “que fazia muito tempo que não falava

¹⁵ “O padre Augusto [...] sim, era um sujeito que sempre tinha um consolo para cada um, uma frase, qualquer coisinha”. (CAPARRÓS, 2011: p.231)

¹⁶ “um jeito de dizer aos que haviam levado – torturado, matado? – minha mulher e meu filho que eu não permitiria que tudo aquilo ficasse de graça [...] ela estava se dissolvendo como eu me dissolvia. Em breve não restaria o menor rastro dela nem de mim. O menor rastro de nós. Entendi: a vingança é uma forma extrema da lembrança, o jeito desesperado de avivar uma pegada que se apaga” (CAPARRÓS, 2011: p.105,106)

com ninguém que parecesse, à primeira vista, mais fodido do que ele” [...] Então, levantou-se e despediu-se do sargento. Sua mente ainda estava lá “naquele quartinho”, já que, “foi difícil naquela noite voltar para o mundo os vivos”. (CAPARRÓS, 2011: p.233)

Principalmente, porque se questionava quando cruzava com alguém na rua: “eran personas que nunca habían jugado la vida por nada, que nunca habían pensado que cambiarían el mundo, que nunca les habían matado a su mujer en la tortura”.¹⁷ Nesse emaranhado de questões, após horas de caminhada, percebe que saiu daquele lugar sem ao menos ter perguntado por Estela sem “entender o que isso significava”. Embora, em seu coração e sua mente uma coisa ainda era certa: sendo ele um sobrevivente àquela situação, Carlos ainda tinha que explicar para si mesmo por quê? E como sobreviveu? Isso, sem dúvida, é um traço que obsessa.

Ter sobrevivido à ditadura militar gerou uma obsessão no coração de Carlos. Por quê, eu?

Nesse momento podemos perceber que esta obra, o romance de Caparrós, mergulha em um ‘mar’ cada vez mais profundo, sem nenhuma esperança. Embora nesse encontro entre o personagem Carlos e o extorturador só o conduz a novos questionamentos sobre o paradeiro de Estela - ela seguia viva ou não? “Estuvo viva todos estos años, gozó, sufrió, envejeció de a poco, miró películas francesas, volvió a creer en su dios, se olvidó de su historia, la recordó otra vez, comió su chocolate blanco aireado – o quizá consiguió realmente hacerse otra.[...] pero cómo saberlo”¹⁸. (CAPARRÓS, 2008: p. 34,35)

¹⁷ “eram pessoas que nunca haviam arriscado a vida por nada, que nunca haviam pensado que mudariam o mundo, cujas mulheres nunca tinham sido mortas na tortura”. (CAPARRÓS, 2011: p.233)

¹⁸ “Estela estava viva? Se sobreviveu, onde estivera viva esses anos todos? gozara, sofrera, envelhecera aos poucos, vira filmes franceses, voltara a acreditar em seu deus, se esquecera de sua história, voltara a lembrar-se dela, comera seu chocolate

O empenho das famílias em localizar os desaparecidos e dar-lhes um túmulo é uma tentativa de materializar um lugar para a ausência, é o combate contra o esquecimento e pela possibilidade de enfim, elaborar o luto. Pessoas desaparecidas, torturadas, presas, exiladas, mortas – a violação da lei e dos direitos humanos – pois, desaparecidos os corpos, desaparecidos os rastros de tortura. Uma forma prática de apagar os seus registros para o presente e para o futuro, pois para o regime militar, você não é ninguém, não existe, não tem importância para ninguém, já está morto, você já está morto e não te contaram. Pensam que são os donos de seus corpos, da sua vida e da sua morte, que podem fazer com as pessoas o que lhes der soberanamente na telha, o que quiserem. Absolutamente o que quiserem para atingirem o poder. “Um poder que só pode ser exercido sobre um corpo alheio”. (CAPARRÓS, 2011: p. 27)

Por isso, para a família lidar com a questão dos desaparecidos era muito difícil, pois não se sabia nada a respeito da pessoa, se estava vivo e ou morto, livre ou preso. Uma luta para saber o não dito. Nesse momento a família vive a fase do indizível, a proibição da palavra, um segredo do estado que passa a ser um segredo da família. A família então vive a fase da negação dos fatos, da dúvida, devido à ausência do corpo. Dá-se início a uma busca desesperada pelo corpo, para que o rito do luto se concretize, na tentativa de preencher o vazio, a lacuna aberta na família e na memória dos que sobreviveram.

Segundo, Fustier e Aubertel (1998: p. 129-148), “a maneira pela qual a família vive esses traumatismos depende do próprio acontecimento e, sobretudo, do sentido dado a esse acontecimento e sua inscrição na história familiar”. O resultado da elaboração dos traumatismos está, então, subordinado às capacidades de continência do aparelho psíquico familiar. Essa continência está relacionada à aceitação da mudança, à possibilidade de pôr no passado os acontecimentos, ou seja, à capacidade da família de efetuar um trabalho de luto.

branco aerado – ou quem sabe conseguira mesmo tornar-se outra. Mas como saber”. (CAPARRÓS, 2011: p.33)

Podemos citar como exemplo as Mães da Praça de Maio que, de forma obstinada, compareceram durante anos à Praça de Maio, na Argentina, como protesto reivindicatório pelo desaparecimento de seus filhos, mas são ignoradas pelo Estado. Como se dissessem, resolvam seus dramas, sepulsem seus mortos, livrem-se de seus fantasmas, enterrem o passado, tire-os de suas memórias. Como se isso fosse possível, pois o drama vivido pelos sujeitos que são obrigados a conviver com a imagem dos desaparecidos políticos, com a ausência do corpo atravessa o tempo, perpassa o imaginário, é como um ciclo sempre inacabado, por isso é insuportável.

Nas palavras de Gilberto Molina (www.torturanuncamais-rj.org.br) quando perguntado sobre os sentimentos que se abateram sobre a sua família nesse processo a respeito do desaparecimento de seu irmão, Flávio Molina, Gilberto diz de forma categórica: "Foi um velório que durou 34 anos. A abertura dos arquivos impediria o sofrimento de famílias que até hoje vivem um estado de velório permanente".

Desta forma o Estado transfere para os familiares à responsabilidade, como se cada família que teve a experiência de ter alguém desaparecido pelo regime militar fosse responsável por isso, é como se o Estado dissesse: "a culpa é de vocês". Deveriam ter cuidado melhor de seus filhos, maridos, esposas e parentes. Não somos responsáveis pelos subversivos.

Caparrós (2008: p.34) descreve bem a angústia do personagem Carlos em sua busca desesperada pelo paradeiro de Estela. Será que ela continuava viva, continuava viva ao longo de todos aqueles anos,

[...] era una opción peligrosa pero, eran imágenes que podrían haberme obsesionado, aprendí a esquivarlas. Era una opción peligrosa, la que solía preferir: una que, además de darle vida, no convirtiese a mí en aquella mierda, ese fracaso que supo morir por ella, por la causa. Una que me alivió porque entonces podía decirme que ella había hecho, de algún modo, lo mismo que yo.¹⁹ (CAPARRÓS, 2008: p. 34)

¹⁹ “[...] esta opção me aliviava [...], pois, eram imagens que poderiam ter se transformado em obsessão, aprendi a evitá-las. Já que era uma opção perigosa dar-lhe vida, uma opção que costumava preferir. Uma opção que além de dar-lhe vida, não em deixava transformado nesta merda, neste fracasso que não soube morrer por ela,

Mas como saber...

O encontro entre Carlos e o torturador é marcado pela dor, pela angústia daqueles que sofreram com a ditadura militar argentina, pois não somente retrata a luta do personagem Carlos pelo paradeiro de Estela – sua esposa – como também revela as decepções e os dissabores de uma geração que lutou para transformar a sociedade argentina com seus ideais, sua forma de pensar e ver o mundo, em uma sociedade mais justa, igualitária, mas que fez dela algo muito pior, pois, “[...] no fim o mundo mudou em tudo, menos naquilo que queríamos”. (Caparrós, 2011: p.139)

O desejo de saber o paradeiro de Estela leva Carlos a empenhar seus esforços para descobrir a verdade sobre o que teria acontecido, é quase um depoimento factual ou um testemunho. “Um memorialismo político”, segundo Maria Cecília Olmos (2008: p.112), marcado especialmente pela “marca” da tortura e do desaparecimento das pessoas. Uma luta, com meta declarada – expor objetivamente e com detalhes os casos de violência física e psicológica envolvendo órgãos de repressão do governo – ajudando famílias de desaparecidos a encontrar qualquer tipo de informação que possa levá-los a descoberta da verdade, pois “o que prevalece tematicamente é um terrível sentimento de impotência, da futilidade da luta armada, nascida não do medo da tortura, mas da desilusão [...] o incansável sofrimento visceral sob a ditadura”. (SILVERMAN, 2000: p.65)

Por isso, na visão de Hobbes (1979: p. 192), “entre as enfermidades que podem enfraquecer um Estado – Soberano – está o desejo do homem, que para obter um reino, contenta-se muitas vezes com o menor poder do que é necessário para a paz e a defesa do Estado”. Ou seja, para Hobbes, o Estado jamais pode permitir que pessoas se rebelem contra ele, e para isso, deve agir com rigor, pois, “seus próprios súditos não perderão a ocasião de enfraquecer o seu domínio”. (LEVIATÃ, 1979: p.192)

pela causa. Uma opção que me aliviou porque me permitia dizer para mim mesmo que de alguma maneira ela fizera o mesmo que eu”. (Caparrós, 2011: p. 33)

Segundo ele, uma instituição imperfeita “é semelhante às doenças do corpo natural” e por isso devem ser combatidas. Já que, “quando os inimigos obtêm uma vitória final, a ponto de não se manter em campo as forças do Estado não havendo mais proteção dos súditos leais, então o Estado está dissolvido, pois o soberano é a alma pública, que dá vida e movimento ao Estado, a qual expirando, os membros deixam de ser governados por ele” (LEVIATÃ, 1979: p.198, 199).

Muito embora o direito do Soberano não possa ser extinto pelo ato de outro, ou de outros, a obrigação dos membros pode, pois, “quando o poder de um assembleia é suprimido, o direito da mesma desaparece completamente, porque a própria assembleia fica extinta e conseqüentemente não há qualquer possibilidade de a soberania reaparecer”. (LEVIATÃ, 1979: p.199)

Por isso, cabe ao Soberano – o cargo do Soberano – seja qual for a sua forma de governo – monarquia ou assembleia – ter como objetivo para o qual lhe foi confiado o soberano poder deve lutar para preservar a segurança do povo. O Estado jamais deve permitir que “seus direitos de soberania lhe sejam retirados” (LEVIATÃ, 1979: p.200).

Desta forma, cabe ao Estado ensinar seus súditos, de forma diligente e verdadeira, que toda rebelião contra ele, “é a violação do juramento” (LEVIATÃ, 1979: p.201). Logo, se isso acontecer, o Soberano deve estabelecer “uma correta aplicação de castigos [...] dado que o objetivo da punição não é a vingança [...] mas sim a correção do ofensor [...], portanto, as mais severas punições devem ser infligidas àqueles crimes que são de maior perigo para o Estado” (LEVIATÃ, 1979: p.207). Como por exemplo, os que provocam indignação na multidão para se rebelarem contra o Soberano.

Faz parte, portanto, da segurança do povo que aqueles a quem o Soberano entrega seus exércitos sejam ao mesmo tempo bons chefes e súditos fiéis, pois, “o general de um exército, se não for popular, não será amado nem temido como deve por seu exército, portanto, não pode desempenhar com sucesso aquele cargo” (LEVIATÃ, 1979: p.209). Um general

popular, isto é, respeitado, alimenta nos soldados seu brio e sua coragem, fazendo-os se entregarem em obediência a qualquer ordem que lhe seja dada. Homens assim tornam-se dispostos a tudo, pois “os soldados em geral nunca são tão injustos que alinhem ao lado de seu capitão, muito embora o amem, contra o os inimigos do Soberano, quando não só amam sua pessoa como também sua causa”. (LEVIATÃ, 1979: p.210).

No pensamento de Hobbes, o exército será forte não somente quando seus superiores se fizerem respeitados e amados, mas acima de tudo, quando cada soldado estiver disposto a entregar-se, a morrer pelo valor da causa pela qual lutarão. Desta forma, seja qual for a missão, todas as ordens seriam cumpridas e o dever realizado sem qualquer questionamento.

Caparrós (2008: p.238, 239), em seu romance, descreve como os homens ordenados pelo Estado são capazes de fazer qualquer coisa de forma natural. Nas palavras do personagem Carlos:

Aconcagua, donde lo que sucedia no eran muertes sino trámites administrativos: donde todos ellos – los empleados públicos, los esforzados trabajadores del gobierno – tenían que convencer-se de que matar a sus prisioneros era puro trabajo, una rutina incómoda, los gajes del oficio, y que cada uno de ellos – de sus víctimas, de sus asesinados inminentes – no era una persona sino del trabajo de esta tarde o de mañana bien temprano²⁰ (CAPARRÓS, 2008: p. 238, 239)

Essa descrição demonstra para o leitor como matar uma pessoa se tornou algo tão comum e natural para os agentes de repressão, que já não se davam conta de que diante de cada um deles estava uma pessoa. Uma pessoa como eles, de carne e osso.

Para Carlos, um momento do passado que tenta esquecer,

²⁰ “Aconcagua, era o lugar onde o que acontecia ali não eram mortes, mas trâmites administrativos: onde todos eles – os funcionários públicos, os esforçados trabalhadores do governo – precisavam se convencer de que matar seus prisioneiros era mero trabalho, uma rotina incômoda, as mazelas do ofício, e que cada um deles – de suas vítimas, de seus assassinatos iminentes – não era uma pessoa, mas a tarefa daquela tarde ou de amanhã bem cedo”. (Caparrós, 2011: p.244),

Sería un alivio poder tener nostalgias del pasado: tener un pasado que pudiera recordar con esa felicidad perimida que llamamos nostalgia. Ojalá tuviera esa paz, esa satisfacción. Pero, tan cerca de ser pasado, sólo conseguía tener nostalgia del futuro. [...] era fácil: el futuro, por definición, es el tiempo que no ha chocado contra la realidad²¹. (CAPARRÓS, 2008: p. 241,242)

Esquecer como os momentos de implantação do terror na Argentina foi marcado pela dor, incerteza, prisões, torturas, mortes e desaparecimentos. Sua falta de paz, sua insatisfação cada vez mais o aproximava da infelicidade. Um passado que não deixou saudades, pelo contrário, trouxe mais inquietações e angústias para o seu coração, principalmente, quanto ao que poderia ter acontecido com Estela, sua esposa, desaparecida há quase trinta anos. “Aquelas mortes foram necessárias. Eu não conseguia acreditar...” (idem: p.254). Aliás, “a maioria de nós não mata: estamos excluídos. Não sabemos como é a sensação de terminar com uma vida: de apertar um gatilho e ver como alguém cai, desfeito, fulminado [...] não sabemos: aceitamos que o preço seria excessivamente alto”. (CAPARRÓS, 2011: p.262)

Muchachos y muchachas Buenos que los malos muy malos secuestraron torturaron mataron pero no gente grande, jóvenes decididos, militantes que pensaban y elegían sus destinos, que pensaron que para conseguir lo que querían debían pelear y arriesgar sus vidas y las de los demás, que pensaron que valía la pena esa violencia si el resultado era una paz tanto más justa, y se jugaron. No quisieron recordarlos así, Estela, les daba miedo: por eso los llaman los desaparecidos²² (CAPARRÓS, 2008: p. 266)

²¹ “seria um alívio poder sentir saudades do passado: ter um passado que pudesse evocar com a felicidade extinta que chamamos saudade. Oxalá tivesse essa paz, essa satisfação. Mas, tão perto de ser passado, eu só conseguia sentir saudades do futuro. [...] era fácil: o futuro, por definição, é o tempo que não colidiu com a realidade”. (CAPARRÓS, 2011: p. 246, 247)

²² “foram rapazes e moças bons que os maus, muito maus sequestraram, torturaram, mataram, mas não pessoas adultas, jovens decididos, militantes que pensavam e escolhiam seus destinos, que pensaram que para conseguir o que queriam deviam lutar e arriscar suas vidas e as dos demais, que pensaram que valia a pena essa violência se o resultado fosse uma paz muito mais justa, e se arriscaram. Eles não quiseram lembrá-los assim, Estela, lhes dava medo: por isso os chamam de desaparecidos”. (CAPARRÓS, 2011: p. 271)

O romance de Caparrós é muito ambivalente, tanto na exploração das vozes silenciadas, como na subversão dos relatos de vítimas tradicionais. Sendo assim, podemos perceber que um caminho para a solução da angústia do personagem Carlos está inserida na sua tentativa de esclarecer os fatos passados, e, acima e tudo, na coragem de pensar e expor suas memórias e questionamentos. Pois, assim como o personagem Carlos, a Argentina hoje também precisa conviver com esse passado. O Estado recebeu a legitimação dos sujeitos que sofreram a ditadura, e, hoje, procura reparar os desaparecimentos na tentativa de explorar, explicitar e revelar as muitas verdades desse período.

3.2 - O encontro entre Carlos e a jovem: Um Espelho do Parcial

“...agora me parece que, mais que se vingar, o que ele queria era escrever sua história. E, como tudo aquilo que tentou, saiu errado...” (CAPARRÓS, 2011: p.326)

Os encontros entre Carlos e uma jovem chamada Valéria são envoltos em certo mistério, pois no desenrolar do enredo não fica claro para o leitor o que ela é de fato: ora parece ser uma prostituta, ora sua namorada. Porém, o que nos chama a atenção nesses encontros, mais do que uma relação amorosa ou não, é o fato de que os encontros são marcados por duas gerações diferentes, cuja mentalidade é extremamente oposta. De um lado temos Carlos, um ex-militante de esquerda que durante os anos da ditadura militar argentina lutou contra o governo, e de outro a jovem Valéria, desvinculada dos acontecimentos políticos do passado e crítica das gerações anteriores.

Valéria é uma jovem questionadora, intrigante, que semanalmente, particularmente às quintas-feiras, visita Carlos em seu apartamento nada aconchegante e aproveitando, entre outras coisas, para questioná-lo acerca do período da ditadura na Argentina. De um lado, um homem desiludido, doente, isolado. Do outro, uma moça moderna que usa piercing na língua, que, segundo Carlos, não combinava com ela: “aquele piercing não combinava com a idade dela: que era uma maneira – mais uma – de obedecer ao preceito de sua geração que consiste em dar um jeito de parecer mais jovens: de acreditar que envelhecer equivale a deixar de ser a única coisa que acontece com eles”. (CAPARRÓS, 2011: p.154)

No final do romance, o autor, Matin Caparrós, afirma que Carlos não compreendia muito bem Valéria. Nas palavras de Valéria ele nem mesmo tentou fazer isso. Ela diz: “...Nunca pensei, que pudesse me entender, mas suas notas – o diminuto espaço que me dedicou em suas notas – me mostram

que nem mesmo tentou: preferiu, suponho, inventar-me, como costumam fazer os homens”. (CAPARRÓS, 2011: p.326)

Para Valéria, o pequeno espaço dedicado para descrevê-la, até mesmo para supostamente compreendê-la, apenas revelava a forma como Carlos sob sua ótica própria e subjetiva narra à veracidade acerca dos fatos, “pois é evidente que ele nunca me entendeu” (CAPARRÓS, 2011: p.326)

Na visão de Carlos, entender Valeria não era algo pelo qual ele se demonstrava interessado, embora tivesse em sua mente questionamentos e pré-julgamentos acerca dela e do que fazia quando não estava com ele. Como ele mesmo afirma,

Yo sabía que ella llevaba todos esos jueves – docenas y docenas y docenas de jueves – esperando que le preguntara qué hacía los demás días de la semana. No qué tipo de actividades tenía – eso sí lo sabía o, por lo menos, sabía qué decía que hacía -: lo que ella esperaba era que yo le preguntara com quién o quiénes se acostaba otros días, ... Yo, por supuesto, nunca cedí a la tentación – la humillación? – de preguntarle nada²³. (CAPARRÓS, 2008: p. 65)

Carlos fica se questionando porque se encontra com essa moça, se nem bonita ela era. Aliás, a descreve como uma mulher claramente feia, afirmando “que nada nela levava ao espanto ou à admiração que a feiura pode produzir; era – talvez pior – uma ausência dessa sensação ou de qualquer outra”. (CAPARRÓS, 2011: p.65). Mesmo assim, para ele, parecia razoável continuar a vê-la. “Foi estranha a tarde em que seu engano – Carlos a chamava assim, dizia que Valéria era enganosa – me pareceu a razão evidente

²³ “eu sabia que ela passava todas aquelas quintas-feiras – dezenas e mais dezenas de quintas-feiras – esperando que eu lhe perguntasse o que fazia nos outros dias da semana. Não que tipo de atividade tinha – isso eu sabia ou, pelo menos, sabia o que ela dizia que fazia -: o que ela esperava que eu lhe perguntasse era com quem se deitava nos outros dias, ... eu evidentemente, nunca cedi à tentação - `a humilhação? – de não perguntar nada a ela”. (CAPARRÓS, 2011: p.64)

para que voltasse todas as quintas-feiras. Foi o que pensei, daquela vez, por alguns minutos, até lembrar-me de algo mais evidente: eu era muito pior”. (CAPARRÓS, 2011: p.65)

Apesar dessa moça não ser bela, pois “tinha as narinas dilatadas, muito abertas, como um cavalo que resfolega ou um porco que respira mal ou um velho que assusta: dois buracos que não correspondiam ao resto do seu rosto e o estragavam, faziam com que todo o resto de sua fisionomia parecesse uma armadilha, um equívoco” (CAPARRÓS, 2011: p.65) e Carlos buscar dentro de si uma razão plausível para continuar se encontrando com ela, em um breve minuto, comparando-se a ela, afirma saber que seu estado – físico e agora doente – o fazia ser muito pior do que ela. “Eu era – sou, ainda que não por muito tempo mais – um velho sem nenhum atrativo. Ou, talvez, com muito pouco atrativo: alguma coisa em mim fazia pensar – falaz, enganosamente – que eu fora, lá atrás na minha juventude aquilo que chamam de um cara interessante. (CAPARRÓS, 2011: p.66). Aliás, Carlos continua dizendo, “o que eu não suportava era o seu corpo: a diferença do seu corpo. Seu corpo punha em cena a degradação do meu com excessiva fúria – e não a suportava e decidia não vê-la mais, mas chegava quinta-feira...” (CAPARRÓS, 2011: p.188)

Essa diferença física entre Carlos e Valéria, por exemplo, o levava a imaginar o que a fazia voltar para vê-lo todas as quintas-feiras, pensar nas razões possíveis de suas visitas o deixava espantado, pois parecia que ela estava ali por piedade ou até mesmo segundo ele “fazer para esse velho o que ninguém ia querer fazer, o consolo de seus últimos dias” (CAPARRÓS, 2011: p.66).

Falar com Valéria fazia Carlos lembrar-se da sua juventude. Desta forma ele diz: “falar com Vale me fazia lembrar da minha juventude: eu também fui, de alguma forma – daquela forma –, um jovem, um jovem rebelde que queria desmanchar tudo o que os velhos haviam feito e inventar outro mundo” (CAPARRÓS, 2011: p.69). Encontrar-se com Valéria semanalmente era uma forma que Carlos encontrou de ser jovem. Ao mesmo, estar com ela era sentir-se jovem, era uma tentativa de lembrar como “era bom andar pela cidade sem

saber o que era o medo, caminhando por uma rua na tensão extrema de quem sabe que qualquer distração podia lhe custar a vida”. (CAPARRÓS, 2011: p.75)

Os encontros com Valéria também eram uma forma de resgatar a ideia da juventude do passado vivida por Carlos. “Era maravilhoso: tudo o que fazíamos era importante, glorioso, fantástico. Era fantástico viver; não sobreviver, não vegetar, não se deixar levar pela correnteza: viver, formar um mundo... é estranho: nós éramos felizes porque não sabíamos que estávamos vivendo um momento singular, porque acreditávamos que seria assim para sempre”. (CAPARRÓS, 2011: p.94.96)

Desta forma, uma pretensão vai sendo construída dentro de Carlos: a sensação de que Valéria desejava tornar-se indispensável em sua vida “conseguindo que eu necessitasse dela como poucos haviam necessitado”. (CAPARRÓS: 2011, p.66). Talvez esse fosse o objetivo de Valéria, diz Carlos,

Era ella quien podia conseguir que mi cuerpo falto recuperara, por unos minutos, el impulso que habría tenido mucho tiempo atrás; o el interés de rozarse con una parte de la historia que, sin duda – a juzgar por sus continuas preguntas -, la atraía especialmente y la idea, quizás, de que el contacto físico era el precio que debía pagar para tener acceso a um resíduo de esa historia, yo; o la persersión pura y simple de mezclar su carne confusa com una carne em vías de descomposición, casi perdida, o quién sabe qué recuerdos de um padre que no fue o fue demasiado o quizás, incluso, el efecto sostenido de um azar que su voluntad minguada no sabía o podia corregir. Todas das razones tristes²⁴. (CAPARRÓS, 2008: p. 67)

²⁴ “que ela era uma pessoa capaz de conseguir que meu corpo necessitado recuperasse por alguns minutos o impulso que tivera muito tempo atrás; ou o interesse de se esfregar numa parte da historia que, sem duvida – a julgar por suas perguntas incessantes – a atraía especialmente, e a ideia, talvez, de que o contato físico era o preço que teria que pagar para ter acesso a um resíduo dessa historia, eu; ou a perversão pura e simples de misturar sua carne confusa com uma carne em vías de decomposição, quase perdida, ou quem sabe que lembranças de um pai não foi ou foi em excesso ou talvez inclusive , o efeito suspenso de uma acaso que sua determinação minguada não sabia ou não podia corrigir. Todas razões tristes”. (CAPARRÓS, 2011: p.66,67)

Carlos não sabia ao certo porque Valéria o encontrava, entretanto, vê-la semanalmente era também uma forma de relembrar o passado e analisar suas ações, já que Valéria sempre o questionava acerca do período da ditadura. Ele diz:

Nuestras charlas solían tener um tema recurrente y um formato repetido: ella me hacía preguntas sobre la militância de los setentas – sobre esa historia imbécil que ustedes se empeñan em vender como heroica – y yo le contestaba poco, casi nada. Sus preguntas mezclaban curiosidade y desprecio, como si su interés en esa historia consistiera em buscar razones para demostrar que todo había sido uma soberana estupidez²⁵. (CAPARRÓS, 2008: p.68)

Para Valéria, assim como para a maioria das pessoas que não viveram nesse período de ditadura militar, entendê-lo quase sempre é complicado devido às mudanças ocorridas na sociedade e também na mentalidade das pessoas que nasceram depois desse período. Como falar sobre esse período como Vale, assim a chamava carinhosamente, se nessa época nem havia nascido?

Usted no sabe lo que es vivir por un ideal. No sabes lo que era vivir com esa idea, com esa esperanzas: nunca vas a saberlo, no tenés ninguna possibilidade de conocer nada ni remotamente parecido. Ése es el problema. Ya te lo dije muchas veces: lo que vos no podes entender es la excitación de pensar que estás a punto de cambiar el mundo. Ésa es la diferencia²⁶. (CAPARRÓS, 2008: p. 71)

²⁵ “nossas conversas costumavam ter um tema recorrente e um formato repetido: ela me fazia pergunta sobre a militância dos anos setenta – sobre essa historia imbecil que vocês fazem tanta força para vender como heróica – e eu respondia pouco, quase nada. Suas perguntas misturavam curiosidade e desprezo, como se seu interesse consistisse em encontrar razões para demonstrar que tudo havia sido uma tremenda besteira”. (CAPARRÓS, 2011: p.68)

²⁶ “você não sabe o que é viver por um ideal. Você não sabe o que é viver com essa ideia, com essas esperanças: nunca vai saber, não tem a menor possibilidade de conhecer nada nem remotamente parecido. Esse é o problema. Já lhe falei isso muitas vezes: o que você não consegue entender é a excitação de pensar que se está a ponto de mudar o mundo”. (CAPARRÓS, 2011: p.71)

Na visão de Jean-François Lyotard, a pós-modernidade trouxe ao homem contemporâneo uma forma de existência inautêntica - já que de certo modo é a ela que o homem está diretamente exposto tornando-o preso ao circunstancial e ao fortuito. (LYOTARD, 1979: p.11). Ou seja, a questão do saber, no âmbito da modernidade é indissociável da questão da formação do sujeito na sociedade.

Daí o pensamento de Lyotard sobre a condição pós-moderna, o qual aponta, entre outros aspectos, para uma nova condição do paradigma da cultura ocidental. Uma nova forma de dinamizar essa cultura ocidental está justamente na pluralidade de contextos que pelas novas tecnologias mudam sua linguagem, seu pensamento, suas ações, sua “práxis”. Podemos dizer que como uma das grandes características deste termo – pós-modernidade – está justamente na incapacidade de gerar consensos absolutos. (LYOTARD, 1979: p.34)

Assim, Valéria vai se tornando reflexos de um espelho fragmentado de Carlos, revelando que sua geração, pós-moderna, faz uma leitura do passado diferente da geração de Carlos, o que de certa forma, nos diálogos entre eles, vai revelando essa incapacidade de consensos. Um exemplo disso é a forma como ela diz que não havia diferença entre o que Carlos fez com aquilo que fizeram também os soldados que serviram a favor da ditadura militar. Ela diz: “você era igual os soldados do exército que serviram a favor da ditadura militar. Vocês também não queriam a mesma coisa: o poder? Porém, para Carlos, Valéria estava equivocada. Ela jamais vai entender o que é abrir mão de tudo por causa de um ideal. Aliás, Carlos tinha uma curiosidade: “como os jovens iam fazer para conseguir o que eles não conseguiram, o que eles não puderam”. (CAPARRÓS, 2011: p.192)

Para Carlos, este choque de geração parece ser evidente, pois há, da sua parte, uma preocupação em explicar as coisas para Valéria, uma jovem que na sua época de militante contra a ditadura argentina nem sequer havia nascido ainda. Ele diz: “como eu ia explicar essas coisas a uma pessoa que nem sequer havia nascido naquela época e que era, de todos os pontos de

vista, um produto da cultura gerada por aquela derrota? Como ia fazê-la entender – o que eu tampouco entendia direito?”. (CAPARRÓS, 2011: p.72)

As discussões com Valéria obrigavam Carlos a procurar explicações que, em princípio, teriam parecido desnecessárias, mas que, ao mesmo tempo, o obrigava a descobrir que possuía um sistema de convicções no qual estava convencido de que agora só lhe restava dúvidas. Ele diz: “essas discussões com Valéria me revelam que eu, o mais crítico dos companheiros daqueles anos – dos resíduos daqueles anos – continua sendo um deles – e isso me deixava aterrado. Vale – as discussões com Valéria – me punha, de alguma forma, no meu lugar”. (CAPARRÓS, 2011: p.72)

Ao mesmo tempo essas discussões levavam Carlos a refletir sobre que alicerces construiu suas convicções, pois aquilo que no passado era absoluto e não trazia dúvidas, hoje, tornou-se frágil e inconsistente. É sob esse novo tempo que Carlos lança também um novo olhar para o passado. Uma forma de rever suas ações e seus pensamentos, suas convicções e ideais “cristalizados” pela certeza de que tudo o que fez em nome de um país melhor, em nome da revolução, realmente teria valido a pena. Já que na sua visão o mais difícil, o mais duro, não era,

Yo no quise decirle que lo más difícil no era entregar la vida a la revolución – o, debería decir: poner la vida a disposición de la revolución - ; lo más duro fue comprobar que esa revolución a la que queríamos entregar la vida no era una marcha de banderas al viento ni el grito de millares de gargantas, ni siquiera un combate heroico de viejos fuziles contra ametralladoras en la selva, sino el tedio de esas horas y horas de reuniones, de esas esperas tensas y aburridas, de esa monotonía de cumplir con todos los controles y los trámites para que de vez en cuando, muy de vez en cuando, algo de lo que habíamos se pareciera, por un momento, a esa revolución que habíamos leído, soñado, elegido para entregarle nuestras vidas²⁷. (CAPARRÓS, 2008: p. 71)

²⁷ “se entregar a revolução - ou seria o caso de dizer: pôr a vida à disposição da revolução da revolução - ; o mais duro foi comprovar que aquela revolução para a qual queríamos entregar a vida não era uma passeata de bandeiras ao vento nem o grito de milhares de gargantas, nem mesmo um combate heroico dos velhos fuzis contra metralhadoras na selva , mas o tédio de horas e horas em reuniões, de esperas tensas e tediosas, era a monotonia de executar todos os controles e trâmites para que de vez em quando, muito de vez em quando, parte daquilo que fazíamos se

Um sonho, afirma Carlos. Um sonho que não pode ser plenamente compreendido por Valéria, pois sua geração, muito tempo depois da geração de Carlos, não fazia a menor ideia do que realmente foi enfrentar o regime ditatorial para realizar um sonho – o sonho de mudar o mundo. Essa dificuldade de compreensão por parte de Valéria e de explicação da parte de Carlos revela que ele é representado como um sujeito inserido em uma época nas quais as certezas são fragmentadas, tal como afirma a condição pós-moderna. Aliás, uma dificuldade nessa nomenclatura está justamente no campo da ambiguidade tendo em vista que os termos – modernidade ou modernismo diante de pós-modernidade ou pós-modernismo – são termos que em si mesmos já revelam certa ambiguidade. Já que, a pós-modernidade, na realidade, trouxe mudanças de valores, de costumes e de hábitos sociais, principalmente, “quanto à conscientização das pessoas que mediante os rumos tomados pela cultura passam a ser influenciadas por esse tipo de pensamento onde, ao mesmo tempo, também influenciam os rumos tomados pela cultura”. (LYOTARD, 1979: p.126)

Os diálogos entre Carlos e Valéria não eram diálogos: “eram assaltos de esgrima – com sabres oxidados”. (CAPARRÓS, 2011: p.70). Carlos ainda continua exercitando seu combate ideológico. Ele ainda continua utilizando suas armas. Ele ainda continua um guerrilheiro, mas desta vez com as palavras. Essa é uma forma de reviver o passado. Os diálogos muitas vezes construídos a base de discussões, afrontas e em algum nível com a intenção de derrotar o outro, humilhá-lo. Era uma “batalha” conversar com Valéria, mas o contrário também fica evidente:

¿De verdad ustedes estaban dispuestos a hacer cualquier cosa para ganar? ¿Qué querés decir com cualquier cosa? No sé, cualquier cosa: matar a alguien, por ejemplo. Mirá, lo primero es que no era ‘para ganar’, como vos decís. No se trataba de ganar o perder, ésa es una idea totalmente contemporánea que no tiene nada que ver con esa época. No se trataba de ganar: lo que queríamos era cambiar el mundo. Pero para eso tenían que ganar. Te dije que ganar no era la cuestión. Si no te sacas de cabeza esa forma de pensar, nunca vas a poder entender nada

parecesse, por um momento, com a tal revolução sobre a qual havíamos lido, com que sonháramos, à qual queríamos entregar nossas vidas”. (CAPARRÓS, 2011: p.70)

de todo aquello. Y, de todas formas, ¿realmente querés entenderlo?²⁸ (CAPARRÓS, 2008: p. 68)

Para Valéria a luta entre os militantes e o governo se resumia a ganhar o perder, enquanto que para Carlos tinha outra conotação, pois, “ não se tratava de ganhar ou perder. Claro que queríamos ganhar, mas o importante era a sensação de estar fazendo aquilo que havíamos decidido fazer, de estar sendo coerente com as próprias ideias até as ultimas consequências”. (CAPARRÓS, 2011: p.71)

Podemos perceber que dentro desse contexto, diálogo entre Carlos e Valéria, de certa forma, acaba-se por conduzir o leitor “ao mundo dela”, versus “o mundo de Carlos”, onde fica óbvio o choque entre duas culturas muito diferentes – um choque entre o novo e o velho – que para esclarecer as pretensões de cada um e o efeito que isso gera em ambos fica o caminho das interrogações e, por vezes, da incredulidade, até que cheguem a estabelecer consenso e homogeneidade. Carlos diz: “o que Valéria não entende é que para nós o importante era a vida, a minha, a nossa, a de milhões de pessoas. Essas vidas eram tão importantes que estávamos dispostos a entregar a nossas para que elas assumissem seu verdadeiro valor. Você entende o que estou lhe dizendo?” (CAPARRÓS, 2011: p.70)

Enquanto que para Valéria, aquilo que Carlos fez por meio da revolução foi apenas achar que as pessoas que foram mortas pela resistência “eram mortes mais dignas do que as deles (do exército)” Carlos, responde afirmando que eles não eram um bando de loucos suicidas que saíam atrás da morte. Ao

²⁸ ‘é mesmo verdade que vocês estavam dispostos a fazer qualquer coisa para ganhar? O que você quer dizer com qualquer coisa, diz Carlos? Não sei, qualquer coisa: matar alguém, por exemplo. Carlos responde: “olhe, primeiro é que não era “para ganhar” como você diz. Não se trata de ganhar ou perder, essa é uma ideia totalmente contemporânea que não tem nada a ver com aquela época. Não se tratava de ganhar: o que queríamos era mudar o mundo. Mas para isso tinham de ganhar. Já falei que ganhar não era a questão. Se você não tira da cabeça essa forma de pensar, nunca vai conseguir entender nada de tudo aquilo. E, alias, será que você realmente quer entender?” (CAPARRÓS, 2011: p.67)

contrário: “vivíamos muito bem, intensamente, com uma intensidade que você não compreenderia”. (CAPARRÓS, 2011: p.71)

A mentalidade das pessoas na pós-modernidade está definitivamente ligada ao fato de que suas verdades, seus princípios, seus valores estão impregnados por um ideal capitalista, liberal e burguês – característica da sociedade de consumo fragilizada pelo egoísmo e pelo descartável.

É por isso que a pós-modernidade deve ser vista a partir de sua real condição, ou seja, que a olhemos como uma nova fase histórica que está se tornando cada vez mais responsável pelas modificações e alterações imprevisíveis no contexto das relações humanas. É bem verdade que não podemos negar que ela trouxe progressos, principalmente, o de que a humanidade deve superar seus dogmas e seus valores, mas trouxe também, alguns prejuízos nas relações humanas.

Desta forma, fica mais evidente que, embora Carlos tenha a consciência de que eles falharam, de que se equivocaram e que tudo aquilo pelo qual lutaram para tentar mudar continua igual ou pior, pois os pobres estão mais pobres, os ricos cada vez mais ricos e os poderosos cada vez mais poderosos, Carlos sabe que eles agiram como idiotas. Embora tivessem feito todos os esforços, eles se esqueceram de que a premissa básica para que esses esforços dessem resultados era que o povo argentino “quisesse alguma coisa mais do que encher a pança e viver mais ou menos tranquilo”. (CAPARRÓS: 2011, p.142)

Na visão de Carlos, a revolução sempre tentou fazer coisas maravilhosas para as pessoas, pelos outros, pelo povo argentino, mas para isso era necessário que os outros, os argentinos, também participassem do processo desejando uma Argentina melhor. De certa forma, ele afirma que a revolução contra o governo teria sido muito mais eficaz se a maioria do povo tivesse deixado seus próprios interesses de lado e tivesse unido forças para se levantar contra a política de repressão que o exército implantou no país. Aliás, essa é uma característica da modernidade ou pós-modernidade, o

individualismo. É o colapso do coletivo. Por isso, Carlos vê essa pretensão como: “uma pretensão patética, pois, entregamos tudo para salvar milhões de pessoas que não estavam nem um pouco interessadas em ser salvas”. (CAPARRÓS: 2011, p.143)

Decididamente, para Valéria essas coisas não deviam fazer o menor sentido, pois o que adiantaria saber da existência, por exemplo, do “chupadeiro”, do que adiantaria “se ela soubesse. O que podia entender de morrer uma mulher de trinta e poucos anos, nascida e criada numa época em que os jovens não faziam nada de especial para morrer? Uma época em que a ameaça mais presente da morte era uma agulha partilhada ou um pó com alguém infectado, e mesmo assim essa possibilidade acabava sendo tão improvável que, uma vez passada a maré publicitária, não era difícil esquecê-la?” (CAPARRÓS, 2011: p.148)

Para Carlos falar acerca do período da ditadura para Valéria chega a ser, na sua opinião, uma perda de tempo, pois somente aqueles que viveram nesse período entenderiam porque lutaram. Só aqueles que viram as perseguições, as torturas, as mortes e os desaparecimentos sabem exatamente o que significou lutar pelos seus direitos a liberdade e a vida. Somente os argentinos que viveram esse período de horror, podem agora enfrentar a realidade e perceberem que “[...] revivir los miedos y las sensaciones desconcertantes, confusas o contradictorias para preguntarse cómo fue posible que pasara lo que pasó [...]” (JELIN, 1998: p. 562)

Mas, com a idade de Valéria, tratar abertamente sobre esses assuntos era estupidez. Ainda mais porque Carlos havia passado todos aqueles anos de ditadura acreditando que em algum momento eles seriam outros e, embora não tenha funcionado, não abandonou inteiramente essa esperança. Uma esperança “para outros já que seu mundo estava feito, acabado: nunca seria outro”. (CAPARRÓS: 2011, p.151).

Carlos ficava aterrorizado com essa circunstância, pois agora a velhice e a enfermidade roubaram suas esperanças. A esperança de um tempo melhor.

Um tempo que prometia a diferença. “Tempos em que tudo parecia mudar a cada passo: em que o destino das coisas era elas serem diferentes”. (CAPARRÓS: 2011, p. 150)

Para Carlos não era fácil viver num mundo “incompleto” onde toda a verdade pela qual lutaram estava em outro lugar, no futuro. Agora diante da impossibilidade de ver um mundo diferente, um mundo que anunciava que seria assim pelos séculos dos séculos, Carlos não tem outra percepção acerca disso senão a de que seu futuro é terrível. Era difícil saber que o mundo nunca seria diferente – principalmente, porque, “se em algum momento tudo mudasse, ele já não estaria ali para ver”. (CAPARRÓS, 2011: p.150)

Diante de todo esse terrível pessimismo, Carlos ainda tinha que enfrentar as perguntas de Valéria e, apesar da sua juventude, ela não era tão inocente como pensara Carlos. Tinha um senso crítico aguçado e uma boa percepção das consequências deixadas pelo fracasso da revolução. Ainda que não soubesse dos detalhes mais profundamente acerca desse período ela, na maioria das vezes, faz Carlos se calar com perguntas reveladoras sobre seu passado de luta revolucionária.

O que mais o incomodava era o fato de ter que responder as perguntas de Valéria, era o fato de que ele havia vivido os últimos trinta anos lutando por seus ideais, e, agora, em comparação com cinco ou seis nos dessa outra, era o fato de que ele precisa ser o mesmo ou pelo menos tentar, já “que e quisesse se transformar – travestir-se, afastar-se de si mesmo provisoriamente – tinha que fazer isso por minha conta e risco, sem justificativa. Naquela, no entanto, ser vários era obrigatório” (CAPARRÓS, 2011: p. 237, 238).

Carlos menciona aqui o seu desejo de algumas vezes não ser obrigado a falar a verdade para Valéria, principalmente, pelo fato de que muitas das situações vividas naquele período não deveriam fazer o menor sentido para ela. Sendo assim, era mais fácil a vida anterior a essa, seus últimos trinta anos, do que seus cinco ou seis agora, já que, “um bom militante devia ter sempre

uma ficção preparada para disfarçar o que estava fazendo – inconfessável por definição”. (CAPARRÓS, 2011: p.238).

Na verdade viver, simulando ser “ninguém” era uma forma de ser o “outro”. Ainda mais, que tudo consistia naquela época em simular exatamente o mais “possível com que eles queriam que fôssemos, ou seja: fazer politica do pior tipo, mostrar-lhes o que queriam aquilo que queriam ver, dizer-lhes o que queriam ouvir”. (CAPARRÓS, 2011: p.238)

Nesse momento podemos perceber que Caparrós se utiliza da literatura de ficção para, de forma engajada e revolucionária, não no sentido de uma mensagem revolucionária, mas de reorganizar o real e reinventá-lo a partir da imaginação, gerar no leitor a sensação de que há vários caminhos possíveis para a compreensão da realidade para alcançar a liberdade desejada. O personagem Carlos é um desses. Um personagem que deseja conquistar um “novo mundo” sustentado pela liberdade.

Diante disso, Carlos percebe que sua vida agora se tornou terrível, já que toda a luta contra o governo em defesa de um mundo melhor também era uma forma de afirmar sua liberdade. Seu direito de expressar sua vontade e não ter sido morto por acreditar em seus ideais.

Exposto ao fracasso, trinta anos depois, nessa busca por entender melhor o que saiu errado, percebe que agora sua condição na sociedade pós-moderna, simplesmente, reduziu sua vida a meras circunstâncias, onde em cada uma delas parece não haver outros rumos senão um só: “o alívio de não ter de fingir mais diante de alguém, que ainda lhe resta um pouco de dignidade. Morrer com calma seria um último ato de orgulho...” (CAPARRÓS, 2011: p.243).

Viver sob o espaço da temporalidade pós-moderna e da relativização das verdades acolhe o pensamento de Carlos. Suas incertezas. Essa seria uma forma de poder sentir saudade do passado. Um passado no qual Carlos pudesse evocar sua felicidade extinta ao longo do tempo, aquilo que ele chama

de “saúde”. Mas ele sabe que a única coisa que lhe restava agora era “sentir saúde do futuro”. De um futuro tão próximo dele, que por definição sua, “é o tempo que não colidiu com a realidade, no seu caso, a morte”. (CAPARRÓS, 2011: p. 247).

Certamente Valéria havia, em algum nível, percebido isso, que os dias de Carlos, mais do que os dias da Argentina estavam se findando, pois em seus últimos encontros sua forma contundente de questionar Carlos havia mudado. Embora não concordasse com ele ou não entendesse tudo aquilo que dizia, Carlos percebeu que Valéria havia mudado, pois,

Hacia dos o tres jueves que Valeria se mostraba de acuerdo com todo lo que le decía. No le resultaba fácil: a menudo, que ella dijera lo que yo decía significaba lo contrario: mis palabras. Estar de acuerdo, entonces, era um esfuerzo frágil que ella empezó a practicar con cuidado, tratando al principio de que no se notara, cada vez más descaradamente. Había dejado, entre otras cosas, de hacerme preguntas sobre los setentas; su silencio al respecto producía, por supuesto, esa apariencia de armonía – esa amenaza – que sólo los silencios.²⁹ (CAPARRÓS, 2008: p. 185,186)

Carlos sabia que aquilo pelo qual tanto sonhara em seus trinta anos de luta, agora se reduziu a desilusão. A desilusão de que, ambos, a Argentina e ele, não se tornaram aquilo que desejavam. Aliás, bem pior, tornaram-se um desastre. Há forma mais contundente de fracasso? Perceber que tanto ele quanto a Argentina estavam piores do que eram antes. “Somos a geração mais fracassada dessa longa história de fracassos que é a história argentina”. (CAPARRÓS: 2011, p.23)

²⁹ “...havia duas ou três quintas-feiras que Valeria concordava com tudo o que eu lhe dizia. Não era fácil para ela: com frequência o fato de ela dizer o que eu dizia significava o oposto... estar de acordo, então, era um esforço frágil que ela começou a praticar com cuidado. Deixara, entre outras coisas, de me fazer perguntas sobre os anos setenta; seu silêncio a esse respeito produzia, é claro, aquela aparência harmoniosa –aquela ameaça – que só os silêncios produzem”. (CAPARRÓS, 2011: p.188,189)

3.3- O encontro entre Carlos e seus amigos no restaurante: Vozes do Presente

“Olvido y memoria son decisiones de la voluntad, es decir, afirmaciones de un principio ético; ejercen las convicciones morales que otorgan uno u outro sentido a la existência.” Héctor Schmucler (sociólogo argentino)

Neste capítulo Caparrós descreve o encontro entre Carlos e seus amigos em um restaurante. O encontro rotineiro que acontecia a cada duas ou três semanas, sempre no mesmo restaurante. Uma rotina segundo Carlos “que acontecia desde sempre – sempre eram os quinze ou vinte anos em que cultivávamos aquela rotina”. (CAPARRÓS, 2011: p. 13)

Podemos perceber que neste capítulo o personagem Carlos, descrito por Caparrós, mesmo em seus encontros rotineiros com amigos de longa data tem como objetivo em seus diálogos percorrer um caminho que o ajude a entender o passado: o que aconteceu com ele e seus amigos? Seus ideais? Por que mudaram tanto? E, sobretudo, fica uma grande pergunta: o que fizeram com seu país, a Argentina?

É um encontro marcado pela provocação de Caparrós, pois, Juanjo, advogado representante do poder público agora. Uma espécie de herói do passado, afinal dizia: “somos a geração que entregou tudo, que deixou pelo caminho seus melhores representantes, mas que agora finalmente tem condições de fazer um pouco do que pretendia fazer...” (CAPARRÓS, 2011: p.19). Em contrapartida, temos Carlos, um homem desiludido com tudo, doente, sem esperança para ir adiante, lutando contra o tempo, contra morte, aliás, ele diz: “se ainda me resta um pouco de dignidade – morrer com calma seria um último ato de orgulho”. (CAPARRÓS, 2011: p.243)

Estes encontros marcados pelas lembranças do passado são uma tentativa de esclarecer, pelo diálogo, caminhos que ficaram obscurecidos no

tempo. Segundo Carlos, eram “encontros que tinham por base o confronto, a batalha gentil dos que acreditavam que podem dizer qualquer coisa um para o outro sem brigar; naquele meio-dia”. (CAPARRÓS, 2011: p. 13).

Encontros cuja possibilidade de mudanças se faziam presentes como características marcantes de reconfigurações contínuas de padrões de conduta. Ou seja, ali cada um, Carlos ou seus amigos, tinha a oportunidade de rever seus padrões de conduta que podiam ser modificados conforme cada ocasião. Aquilo que Lyotard denomina de “ausência de raízes e de fundamentos últimos” (LYOTARD, 1998: p. 25, 26) revelando o declínio de características morais ou éticas que as sustentavam anteriormente.

Esses encontros com seus amigos, na visão de Carlos, nada mais eram do que uma oportunidade na qual cada um, a sua maneira, tentava justificar os atos do passado.

Para Carlos, “era um momento que ele se empenhava em tirar o corpo fora: como se temesse que o mecanismo já não funcionasse. Ou como se estivesse decidido a acabar com ele de uma vez por todas”. (CAPARRÓS, 2011, P.13)

Carlos revela em suas palavras, o quanto aqueles encontros estavam ficando cada vez mais entediantes, principalmente porque Juanjo retomava sempre os mesmos assuntos. Um deles era o convite que fazia para que aceitasse trabalhar com ele para o governo argentino. “Carlos, falando sério, por que você não deixa de besteira e vem trabalhar conosco?” (CAPARRÓS, 2011: p. 13)

Para Carlos este convite o insultava, principalmente, porque no passado ele lutou contra o governo, que agora representava a ditadura militar. Podemos perceber nesse diálogo um conflito de ideias entre Carlos e Juanjo, pois para Carlos trabalhar para o governo argentino significava algo impossível, uma loucura. Ele diz: “eu nunca trabalharia para o governo. Quanto mais agora.” (CAPARRÓS, 2011: p. 14)

Era impossível esquecer as experiências que teve, principalmente quanto a revolução libertadora, o exílio de Perón, a repressão, os golpes, a ditadura, enquanto que para Juanjo, sua consciência não o acusava. Para Carlos, esquecer não era possível. Alias, como eu ia esquecer, diz ele, “que a Argentina voltou a posição de colônia”. (CAPARRÓS, 2011: p. 22). Ele continua,

Quisemos hacer de nuevo aquel país que nos resultaba intolerable. Elegimos las metas y la forma que nos pareció más apropiada. Nos jugamos las bolas para conseguirlo; de verdad, nos jugamos a fondo, fuimos generosos, hicimos todo lo posible. Y ahora, después de todo este tempo, de todos esos compañeros que murieron o se tuvieron que ir o se jodieron la vida, la Argentina está tanto peor de lo que era entonces. Tanto peor, Hermano, um desastre. ¿Te imaginás alguna forma más contundente del fracaso?³⁰ (CAPARRÓS, 2008: p. 24)

A realidade política vivida por Carlos é uma realidade presente em sua memória, impossível de ser esquecida. Ao contrário da realidade vivida por Juanjo que não era nada acusadora nem tampouco constrangedora. Para Carlos era muito difícil desconsiderar seus princípios ideológicos, aqueles permearam sua ações no passado. Ações centradas na luta pelo ideal de transformação da realidade Argentina pelas vias revolucionárias. Agora, só lhe restava uma memória. Uma perturbadora memória.

Para Carlos, isso era fundamental, pois neste momento ela, a memória, era uma forma de preservação de si mesmo. Algo essencial no presente para entender o momento pelo qual sua vida estava vivendo e, principalmente, para entender o momento pelo qual a Argentina estava enfrentando. Como esquecer dos crimes, dos mortos, das perseguições e dos desaparecidos se eles estão

³⁰ “quisemos inventar de novo aquele país que achávamos intolerável. Escolhemos as metas e a forma que nos pareceu mais adequada. Apostamos tudo isso para chegar lá, foi para valer, nos empenhamos a fundo, fomos generosos, fizemos todo o possível. E agora, depois desse tempo todo, de todos os companheiros que morreram ou tiveram de ir embora ou se ferraram, a Argentina está pior do que era antes. Bem pior, irmão, um desastre. Você consegue imaginar alguma forma mais contundente de fracasso?” (CAPARRÓS, 2011: p. 22,23)

tão presentes no seu dia a dia e, principalmente, em sua memória. Como esquecer os conflitos, a subversão da ordem, o peronismo. Esse é um legado que certamente ficaria para as gerações posteriores em sua perturbadora memória. Aliás, dizia Carlos:

¿Qué derecho tenía a entrar como una vaca em el bazar de su memoria? Si nos encontrábamos, una vez cada tanto, ¿no era porque compartíamos, pretendíamos compartir esa memoria? Muchas veces, em los días que siguieron a esse mediodía, pensé que tendría que haberme callado. Pero ya me había callado demasiadas cosas demasiado tempo³¹. (CAPARRÓS, 2008: p.21, 22)

A História da Argentina está corrompida pela atuação de Perón e dos seus seguidores, eles criaram uma narrativa da vida de Perón que oculta a verdadeira biografia. Restando para Carlos um recurso precioso, a memória. De certa forma, como uma arma de disputa com a História oficial ou oficiosa. Ou seja, aqueles que apoiavam Perón o apontavam como o novo governante, com grande carisma, bem típico da época. Em sua viagem a Europa, anos antes, tornou-se um profundo admirador do regime fascista italiano e, ambigualmente, preocupado com as condições de vida do operariado.

Com a passagem pela Secretaria de Trabajo y Previsión tomou algumas medidas benéficas para as classes mais desfavorecidas como o aumento do salário mínimo, a atribuição de férias, subsídios de alimentação, seguro social e reformas obrigatórias, estas duas últimas passaram a abranger os trabalhadores rurais. As medidas foram acordadas através de uma política de negociação com os dirigentes sindicais, à exceção dos dirigentes sociais comunistas, que foram claramente afastados de todo o processo negocial.

³¹ “talvez devesse continuar pensando sozinho, em silêncio, deixando tudo apenas em minha memória, em vez de entrar feito um elefante na cristaleira da memória dele. Que direito eu tinha de entrar feito um elefante na cristaleira da memória dele? Se nos encontrávamos de vez em quando, não era porque compartilhávamos, pretendíamos compartilhar essa memória? Muitas vezes, nos dias que se seguiram àquele almoço, pensei que deveria ter ficado calado. Mas já havia calado coisas demais por tempo demais”. (CAPARRÓS, 2011: p.20)

Rapidamente o coronel chegou à vice-presidente, tornando-se uma das figuras mais importantes do governo. Foi criticado por setores mais radicais de esquerda, mas, principalmente, pelos de direita – a oligarquia argentina que tentou diversas vezes afastar Perón do poder. Sendo a que mais se aproximou deste objetivo foi uma ação do exército aliado a alguns setores poderosos da sociedade argentina em 8 de Outubro de 1945 forçando Juan Perón a abdicar de todos os seus cargos públicos, culminando na sua detenção no dia 12 do mesmo mês. Porém, o forte apoio popular de que gozava levou o povo argentino a ir para as ruas com a finalidade de realizar uma grandiosa manifestação de apoio à Perón, originando a sua libertação e permitindo-lhe preparar o seu “reaparecimento” político.

Esta forma de encarar a história mostra que ela é viva e dinâmica, que o passado não é estático porque há uma necessidade das sociedades de reformular esse passado, ainda que seja através da memória. A tarefa que, de certa forma, Caparrós se impõe é a de apresentar alternativas e construir sentidos sobre o passado, reorientando seus leitores a criar, pelo viés memorialista, as interpretações mais reais possíveis sobre o passado. Um passado sem certezas e que precisava voltar a fazer sentido para Carlos e para uma geração inteira de argentinos.

Assim, podemos dizer que o apelo à memória de Carlos realizado por Caparrós, está fundado, de certa forma, na situação política que atravessava a Argentina. De alguma forma este apelo está intimamente relacionado à luta contra a ditadura e, portanto, se apropria desse fenômeno para poder utilizá-lo contra a principal forma de pensar a liderança política argentina daquela época, o peronismo e o destino que este impôs a Argentina com seus desaparecidos, seus mortos e exilados.

Para Carlos, nesse momento presente, pactuar com o governo argentino era ir contra todos os seus ideais pelo qual lutou durante décadas. Ou seja, “uma sociedade sem exploradores nem explorados, uma coisa tipo socialismo, embora hoje em dia seja tão complicado falar em socialismo. Enfim, um país mais justo, mas igualitário”. (CAPARRÓS, 2011: p.19)

Nas palavras do próprio Tomás Eloy Martínez, o que é preciso construir com este olhar para o passado é: “... uma visão da história como um tecido complexo que misture a vida dos povos e a recriação do poder como tecido cultural”. (MORA, 2002: p. 37)

Carlos sabe disso. Ele sabe que a história é um ‘personagem’ importante para ser ignorado. Embora na visão de Juanjo, independente do passado, Carlos não devesse rejeitar essa nova ‘oportunidade’ de trabalho, de emprego, de se redimir e tentar fazer um novo país aproveitando a chance que seu amigo, representante do governo, está lhe oferecendo. Mas, para Carlos, isso nada mais era do que nova tentativa de se esconder atrás de um passado de fracasso e desilusão, por isso, sua reação é de indignação, afinal, ele questiona a validade de sua ação.

¿Otra oportunidad de qué, Juan? ¿De llenarse la boca con boludeces sobre los desaparecidos y seguir haciendo lo mismo que todos los demás? ¿De hablar de los muertos heroicos para justificar que siguen vivos no hacen un carajo de todo lo que los muertos querían hacer? ¿De usar los setentas para tapar lo que no pueden ni quieren hacer ahora? Se la pasan hablando de los setentas en vez de ocupar-se del presente, del futuro. Usan ese pasado para glorificar-se: no se crean, nosotros no somos lo que ven, nosotros no somos nosotros, nosotros somos lo que fuimos hace treinta años, somos los otros, los que murieron hace treinta años y no tuvieron la posibilidad de hacerse otros – como nosotros³². (CAPARRÓS, 2008: p.16,17)

Para Carlos, é importante manter sua identidade, ou seja, esse tipo de convite o fazia esquecer quem ele verdadeiramente foi no passado e principalmente quem ele é no presente, Ele diz: “nós somos aquilo que fomos a trinta anos”. No entanto, o que parece perturbar mais o personagem, não é

³² “Para ficar falando idiotices sobre os desaparecidos e continuar igualzinho a todos os outros? Para falar dos mortos heróicos para justificar o fato de continuar vivos e não fazer porra nenhuma daquilo que os mortos queriam fazer? Para usar os anos setenta para esconder o que não podem nem querem fazer agora? Vocês passam o tempo todo falando dos anos setenta em vez de se preocupar com o presente, com o futuro. Usam esse passado para dar importância a si mesmos: não acreditem no que estão vendo, não somos isso que está aqui, não somos nós, somos aquilo que fomos a trinta anos, somos os outros, os que morreram a trinta anos e não tiveram a possibilidade de se tornar outros – como nós.” (CAPARRÓS, 2011: p.15)

tanto o “essencialismo da identidade – aquilo que fomos”, mas a sua obsessão em reequilibrar aquilo que foi abruptamente desestabilizado pela catástrofe produzida pelas prisões, torturas, desaparecimentos e mortes.

Ainda que o período ditatorial tenha sido marcado pela dinâmica dessas práticas no qual cada amostra da violência e da repressão política mesclava a intenção de se legitimar e para tal ocultava a tortura institucionalizada do regime difundindo o medo a todos, Carlos afirma que os ideais, mesmo fracassados, não mudam de lado, ainda que o mundo tenha mudado, e não na direção que eles desejavam, mas exatamente o contrário. Ele ainda era o mesmo, aquele de trinta anos atrás, quando se trata de ideias.

Ainda assim, para Carlos, embora a vida também não fosse mais a mesma, agora doente, desiludido e sem esperanças de mundo melhor, nas suas palavras, menos injusto, o fato de estar vivo, ainda que em uma forma de vida egoísta, vendo a vida passar, não significava que manter sua alma longe daqueles que prematuramente foram capturados pelo regime ditatorial. Ao contrário, para Carlos, os desaparecidos não são um fracasso, uma ausência, mas sim um excesso de presença que o desafia a viver além dos mandatos e rupturas ou lealdades para com o passado.

Os desaparecidos transformaram a todos, Carlos e seus amigos em responsáveis. Afinal, por terem sobrevivido, calar-se diante do que se tornou a Argentina agora significava silenciar aqueles que, de uma forma ou de outra, doaram suas vidas sonhando com um país melhor. Vozes que precisam ecoar diante de uma geração silenciada pelo terror. “Para que precisamos de outra oportunidade Juan? Para falar idiotices sobre os desaparecidos e continuar agindo igualzinho a todos os outros? Para falar dos mortos heroicos para justificar o fato de continuar vivos e não fazer porra nenhuma daquilo que os mortos queriam fazer? (CAPARRÓS, 2011: p.15).

Nesse momento, na fala do personagem Carlos, podemos dizer que Caparrós tem a intenção de provocar o leitor de forma que possa reavaliar um momento central na História Política Argentina e, ao mesmo tempo, pretende

estabelecer um reflexão acerca da principal figura política dos últimos cinquenta anos desse país, o peronismo. Embora o romance seja uma literatura de ficção, ele descreve uma ação política que ficou marcada na História do povo Argentino. Um olhar crítico pela elaboração de um núcleo de enredo que é subjetivo, que estabelece um vínculo estreito entre uma história pessoal e uma história oficial.

É preciso que o leitor se coloque no lugar do outro, que se imagine, que se posicione e assim possa por meio de um processo de imersão compreender um pouco mais acerca dos principais grupos em disputa política e militar num determinado momento histórico de uma Nação, no qual seu presente e passado, sua história e memória, revelam o drama vivenciado pelas pessoas cotidianamente.

Como sugere Beatriz Sarlo, “a literatura que se relaciona com temas do passado recente coloca-se de forma a criar um sentido sobre aquilo que ainda não tem uma análise cristalizada”. (SARLO, 1987: p. 33)

Pensando acerca desse drama cotidiano é que Carlos revela sua indignação dizendo: “nós somos aquilo que fomos há trinta anos”. Para ele, seus amigos deveriam refletir acerca de suas verdadeiras identidades, ou seja, Carlos tem como objetivo levá-los a pensar acerca do que viveram naquele período revelando que, tanto o governo quanto a oposição fracassaram em seus propósitos. Primeiramente ao pensar que silenciando, perseguindo, torturando, matando e desaparecendo com as pessoas não teriam que apresentar, mesmo que superficialmente, explicações para aqueles que sobreviveram, as novas gerações, a esse período de horror. O segundo, por saber que todas as tentativas que foram empenhadas por um ideal de igualdade, liberdade e respeito, não conseguiram implantar as mudanças ideológicas necessárias buscando um país melhor.

Carlos não fecha seus olhos para a realidade. Ele sabe que o fracasso de transformar a Argentina em um país melhor não passou de uma tentativa frustrada e amarga para ele, e talvez para todos aqueles que sobreviveram e

testemunharam os conflitos da ditadura no país. Ele tem consciência de si, de seu tempo e dos problemas gerados pelo movimento de resistência ao governo. Para ele agora nada é mais importante do que reconhecer esses erros e perceber, mesmo de forma angustiante, que tudo não passou de uma grande tentativa, de um grande ideal, um sonho que não se concretizou: o de ter um país melhor.

Segundo afirma Paul Ricoeur, “o que evidencia que o passado já passou, é que ele é algo terminado e não pode ser modificado, o futuro, pelo contrário, é aberto, incerto e indeterminado”. (RICOEUR, 1999: p.58). Isto significa que aquilo que pode ser modificado será o sentido que se dá ao passado, sujeito a interpretações e reinterpretações alicerçadas na intencionalidade e perspectivas face ao futuro.

Carlos, sabedor disso reafirma que a oposição fracassou e não tem mais o direito de tentar fazer absolutamente nada pelo país nesse momento. Já não temos o direito de fazer mais nada, aliás, diz ele aos seus amigos:

Disculpame la barbaridade, pero; ¿como hacés para no considerarte um completo fracasso? Somos una mierda: no podia dejar de repertirme que somos una mierda. Que somos una mierda que se pasa la vida diciendo que somos una mierda. Que somos una mierda que ha llevado hasta lo indecible las mil y una maneras de decir que somos una mierda. Que somos una mierda que se supone astuta – una mierda astuta – porque nos la passamos diciendo que somos una mierda. Somos tan cobardes: creemos que la palabra nos redime. Suponemos que alcanza con decir ciertas cosas para ponernos por encima de esas cosas. El país se derrumba un poquito...Somos una manga de poetas, una banda de fracasados charlatanes. Nunca supimos hacer nada pero lo hemos dicho con tanta aplicación – y a veces, incluso, con alguna elegancia. De eso que no falte: nadie sabe revolcarse en la derrota con la elegancia de nosotros argentinos³³ (CAPARRÓS, 2008: p. 17,18)

³³ “me desculpe a franqueza, mas como você faz para não se considerar um completo fracasso? Somos uma merda... somos uma merda que se imagina esperta – uma merda esperta – porque ficamos o tempo inteiro dizendo que somos uma merda. Somos tão covardes: acreditamos que as palavras nos redimem. Imaginamos que basta dizer certas coisas para nos colocarmos acima dessas coisas... o país continua se desmantelando...Somos uma cambada de poetas, um bando de fracasados

Pensando nesse ‘desabafo’ de Carlos, usamos de certa liberdade para dizer que a premissa, “recordar para não repetir”, parece fazer parte do presente. Não precisamos de outra oportunidade, aliás, outra oportunidade para que? Diz Carlos. Essa indagação parece ser um ponto-chave no pensamento de Carlos, ou seja, ter consciência dos acontecimentos do passado e compreendê-los é, de certa forma, um elo para entender o presente, e o futuro – “somos covardes: acreditamos que as palavras nos redimem”, por isso, não temos o direito de fazer mais nada por este país.

Carlos é um homem desiludido consigo mesmo, com o governo argentino e principalmente com o futuro dele e de seu país. Uma visão solitária diante da visão de seus amigos que pensam totalmente diferente dele a esse respeito. Um deles, Juanjo, afirma que sua geração deixou tudo para se engajar no sonho de fazer uma Argentina melhor, portanto, eles não deveriam se sentir culpados por aquilo que não deu certo, “eu diria que é uma geração que entregou tudo, que deixou pelo caminho seus melhores representantes, mas que agora finalmente tem condições de fazer um pouco do que pretendia fazer. .. construir uma sociedade melhor...um país mais justo, mais igualitário...” (CAPARRÓS, 2011: p.19)

Carlos, agora doente, sem nada a perder, diz: e conseguimos? ... Juan responde: claro que não. Carlos contundentemente diz: não só não conseguimos, como o que aconteceu foi exatamente o contrário... (CAPARRÓS, 2011: p. 20)

Para ele está muito claro que a intervenção deles na tentativa de construir um país melhor resultou em um fracasso pessoal para cada um que se opôs ao governo, como também, de que o país ficou pior do que era antes do período do regime militar. Uma geração que fez parte de uma sociedade que foi “paralisada” por meio do terror. Ainda que a partir do começo dos anos

charlatães. Nunca soubemos fazer nada, mas declaramos esse fato com tanta aplicação - e as vezes, inclusive, com alguma elegância. Isso é o que não pode faltar: ninguém sabe chafurdar na derrota com a elegância que temos nós, argentinos. (CAPARRÓS 2011: p.15, 16)

80 ela tenha iniciado uma longa caminhada de resistência. Uma permanente luta contra o regime, empunhando a bandeira dos direitos humanos contra as ações dos militares nesse período de horror, mas que ainda assim, fracassaram.

la estrategia militar no se basó em um análisis de los objetivos e de las posibilidades reales de recuperacion del país como tambien por médio del terror reprimiu fuertemente el pueblo... el estado militar construye su poder mediante la militarización de la sociedade, mientras que el Estado Terrorista construye su poder militarizando la sociedade y desarticulándola, mediante el miedo al horror, que va eliminando seres humanos y estructuras politicas socieales y gremiales con una visión estratégica: la contrainsurgencia.(DUHALDE, 1999: p. 23)

De certa forma, podemos dizer, que essas ações do regime militar foram um último ataque contra todas as instituições democráticas, um processo denominado:

Proceso de Reorganización Nacional” que comenzó el 24 de marzo de 1976 com el derrocamento de Isabel Perón, vicepresidenta que assume el cargo presidencial em reemplazo de su esposo muerto el 1 de julio de 1974. El proceso fue encabezado por una junta militar integrada por um representante de cada una de las Fuerzas Armadas: Jorge Rafael Videla (Ejército), Emilio Eduardo Massera (Marina), Orlando Ramón Agosti (Aeronáutica). Essa última intervencion militar constituyó la más violenta y repressiva de todas las perpetradas durante el siglo XX onde para concretar este modelo,debieron acallar toda forma de resistencia y oposición. Amparados en la Doctrina de La Seguridad Nacional y agitando el falso fantasma del avance comunista, instauraron le terrorismo de Estado com el saldo de miles de muertos y desaparecidos. (ROMERO, 1994: p. 22)

Na visão de Carlos, a sociedade argentina merece uma explicação sobre esse período de terror. Não se pode fingir que ele não existiu, nem tampouco silenciar-se sobre ele. Em sua indignação, Carlos, revela em seu diálogo com seus amigos que esconder-se atrás do passado é ignorar o presente e o futuro.

Uma tentativa de justificar este período, com explicações insuficientes, pois sempre existe algo mais quando se trata de pessoas desaparecidas,

sequestradas, torturadas e mortas. Portanto, silenciar-se, é no mínimo concordar de olhos vendados com a maneira pela qual o regime ditatorial implantou seus atos de horror. Que foi, segundo a CONADEP,

Uma maneira de paralisar a reclamação pública, de garantir por um tempo o silêncio dos familiares. Exatamente estimulando neles a esperança de que seu ente querido estava com vida. Mantendo-lhe a imprecisa qualidade de pessoa desaparecida, criou-se uma ambiguidade que obrigou ao isolamento do familiar; a não fazer coisa alguma que pudesse irritar o governo; atemorizado pela única ideia de que fosse sua própria conduta o fato determinante de que seu filho, seu pai ou seu irmão passasse a constar na lista de pessoas mortas. (Nunca Mais, p.174 - CONADEP)

A repressão, planejada pelas cúpulas militares, manifestou-se num conjunto de atividades, majoritariamente clandestinas. Através de uma hierarquia bem definida, grupos com tarefas precisas, integrados essencialmente por oficiais jovens, irão desempenhar um sem número de ações como o sequestro, a tortura, a detenção, e a morte.

Um paradoxo entre uma sociedade que foi excluída de toda conexão direta com tais episódios relatados, pois se tornaram alvos de tais ações contra uma sociedade no presente que escolheu para si histórias parciais do que realmente ocorreu na Argentina. De certa forma, uma sociedade que escolheu reconstruir seu presente ignorando fatos do passado.

Durante quase oito anos no governo, as Forças Armadas propuseram transformar e interferir na economia, no sindicalismo, na educação, nas relações exteriores, nos partidos políticos, no poder judiciário, no parlamento, nas universidades, nos meios de comunicação, nas forças de segurança, incorporando ao projeto político, empresários, figuras religiosas e a própria população.

O Dr. Alfonsín em seu discurso presidencial em 10 de dezembro de 1983 salientou que:

Nossa história recente tem sido caracterizado por períodos frequentes e longos de intervenção militar na política do país.

Além dos efeitos negativos dessas intervenções tiveram em nossas instituições, elas também têm provocado uma crise excepcionalmente profunda e séria... O que os militares e os civis esquecem aqui, em detrimento tanto do país e as Forças Armadas, é que a regra de ouro, que se aplica em todas as nações civilizadas Independentemente do seu regime político ou ideologia, o que é que as Forças Armadas devem estar sempre subordinada à autoridade civil estabelecida por meio de instituições democráticas. (www.desaparecidos.org/nuncamas)

Sendo assim, o silêncio de Carlos e de seus amigos é de certa forma agir como agiu o regime ditatorial no passado. Um agir clandestinamente visando apenas seus próprios interesses em detrimento de toda uma nação.

Uma das razões pelas quais Carlos entende que sua geração deve uma explicação para o povo argentino no presente é porque, por mais absurda que pareça, mesmo com todos os problemas, a Argentina nessa época era um país melhor. Ele diz:

Hace cuarenta años, cuando teníamos quince o veinte y empezamos a meternos en política, la Argentina era un país bastante próspero. Todos lo sabemos, pero ultimamente estuve mirando algunos números para ver se si no nos equivocábamos, si no era otro de esos recuerdos que no se fabrica. No era: la desocupación no era importante, la desigualdad no era tan bruta. Había pobreza pero no miseria, las escuelas y los hospitales públicos funcionaban, había jubilaciones decentes, hasta había un futuro...entonces apareció nuestra famosa generación y decidió que ese país era un desastre³⁴. (CAPARRÓS, 2008: p.22, 23)

³⁴ “há quarenta anos, quando tínhamos quinze ou vinte anos de idade e estávamos começando a nos meter em política, a Argentina era um país bastante próspero. Isso todo mundo sabe, mas ultimamente estive olhando algumas cifras para ver se não estávamos enganados, se não era outra dessas lembranças que a gente fabrica para uso próprio. Não era: o desemprego não era grande, a desigualdade não era tão violenta, havia pobreza mas não miséria, as escolas e os hospitais públicos funcionavam, havia aposentadorias decentes, havia até mesmo um futuro. ... nesse momento apareceu a nossa famosa geração e decidiu que este país era um desastre. (CAPARRÓS, 2011: p.21)

Segundo Carlos, a intervenção deles no país foi um desastre, foi uma péssima decisão, ainda que as intenções parecessem boas, quando colocadas em prática levaram a Argentina a se tornar um país muito pior.

Para Hugo Quiroga, “quando os fatos deixam a imparcialidade, para se tornarem parciais, e passa-se a omitir da opinião pública do país, o direito de escolha diante das constantes alternâncias existentes, isso impede que ela, a sociedade decida legitimar ou deslegitimar a ideia de uma nação fundamentada em atos heroicos e perversos, onde desde os anos 1930, a Argentina, vem sendo alvo de articulações entre governos civis e militares”. (QUIROGA, 1994; p. 15)

No pensamento de Stanley Cohen “... la sociedade argentina, es uno produto de um processo de atojustificación, niega su responsabilidad en lo sucedido porque no puede percibirse a sí misma como perpetradora de injusticias ya que eso debilitaria la imagen que tiene de sí misma y la proyecta al mundo”. (En diário 12, Buenos Aires, 21/01/2001, p.25)

Podemos dizer que, de certa forma, nesse momento Caparrós se vale da literatura ou na nova literatura (anos 90-2000) para falar de uma realidade, que, por vezes, era quase insuportável.

Para tanto, ele se vale de uma literatura que podemos chamar também de testemunhal como uma forma mais adequada para descrever situações insuportáveis, mas que, ao mesmo tempo, concede ao autor autoridade para escrever de forma crítica situações que expressaram a realidade de fatos acontecidos no passado, mas que não podem ser esquecidos. “Meu gato morreu naquela quinta-feira... não sabia o que fazer com aquele corpo... pensei que não precisaria ir até um bairro distante. Depois senti outro calafrio. Só então me dei conta de que minha vida estava cheia de mortos mas vazia de cadáveres”. (CAPARRÓS, 2011: p. 234, 235)

Esta, sem dúvida, é uma forma de descrever a realidade para lembrar as gerações posteriores que aqueles que caíam nas mãos da ditadura jamais

se esquecem das atrocidades cometidas contra eles. Portanto, podemos dizer que no processo de buscas constantes por respostas acerca desse período de horror na Argentina, o personagem Carlos assumi o papel através da literatura de responsável por não permitir que estes fatos venham jamais a se repetirem, ou seja, que esse tempo seja um tempo que caia no esquecimento onde o silêncio seja a presença maior de uma realidade que clama para ser exposta, tratada, discutida e compreendida através da história, “já que o esquecimento é uma das maiores maravilhas que inventamos”. (CAPARRÓS, 2011: p.193)

Carlos é uma voz que ecoa na sociedade argentina, uma voz desiludida, amargurada, arrependida, mas que, ao mesmo tempo, não quer se calar diante do passado, mas sim esclarecê-lo. Enquanto que, para seus amigos, esses fatos devem passar pela tentativa do esquecimento, “deixamos tudo, entregamos tudo, fizemos o melhor que podíamos, não somos culpados” e portanto, devemos aproveitar a chance que agora podemos ter no governo de fazer um pouco daquilo que pretendíamos fazer “. .. construir uma sociedade melhor...um país mais justo, mais igualitário...” (CAPARRÓS, 2011: p.19)

Caparrós expressa no pensamento do personagem Carlos o aspecto anti-heroico do poder militar, deve ser visto na dura profanação do encarceramento, interrogatório e tortura, pois numa esfera crescente de medo e opressão, registrar, mesmo que ficcionalmente, o horror dos abusos cometidos pelos militares argentinos diante dos maus-tratos recebidos pelos opositores, pode e deve ser lembrado como um precursor da memória “semidocumentária de um movimento crescente de grupos que apoiaram essas atrocidades....uma memória semidocumentária em torno da prisão, tortura, desaparecimento e exílio”. (SILVERMAN, 2000: p. 301)

. Uma memória que no mundo ocidental, nos dias de hoje, constitui uma cultura desta que coexiste, paradoxalmente, com um ritmo rápido e com a fragilidade dos acontecimentos do dia-a-dia, mas uma memória na qual os países, as comunidades, as famílias e os indivíduos narram os seus passados (para si mesmos e para os outros) de forma a visitar uma espécie de

“Holocausto”, para não esquecer jamais da “ferida” que está aberta e foi produzida pelo terrorismo de Estado.

Uma reconstrução que, a partir do indivíduo consciente, revela o passado no presente para redefinir o futuro. Um mecanismo que nas palavras de Ricoeur é sempre dependente do conjunto de valores de uma sociedade ou grupo “solo podemos recordar cuando es posible recuperar la posición de los acontecimientos pasados en los marcos de la memoria colectiva [...] el olvido se explica por la desaparición de estos marcos ou de parte de ellos [...]”. (JELIN, 2002: p.20)

A memória coletiva acarreta, ainda, no contexto argentino a responsabilidade coletiva a que se refere Jürgen Habermas “no existe la culpa colectiva. El culpable debe responder por su culpa individualmente. Al mismo tiempo, sin embargo, existe algo que puede llamarse responsabilidad colectiva respecto del contexto mental y cultural en el que los crímenes masivos fueron posibles.” Para além da questão anterior, a memória individual varia consoante a posição que o próprio indivíduo ocupa dentro do seu grupo e a relação com outros grupos “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e esse ponto de vista muda segundo o lugar que “nele ocupo” e, por sua vez, esse lugar muda segundo as relações que “mantenho” com outros meios”. (RICOEUR, 2008: p. 133-134)

Embora a memória individual e coletiva não sejam premissa essencial, se bem que são muito importantes, os acontecimentos que se sucederam são relevantes historicamente porque revelam do autor para seu personagem uma carga muito grande de afetividade para a construção de fatos em forma de narrativa com discursos coerentes.

Toda a narrativa, seja ela individual ou coletiva, está intimamente ligada ao esquecimento, é um procedimento complexo que implica a seleção de forma a tornar viável a sobrevivência de entidades individuais e coletivas. A memória total é impossível e são fulcrais, para a própria memória, as diversas formas de esquecimento e silêncio.

Todavia, o contrário também é impraticável sempre que se tenta fazer uso do esquecimento apagando acontecimentos passados por meio de políticas do esquecimento, manifestações culturais, sociais e políticas emergem ainda que tenham estado “submersas” ao longo de décadas ou mesmo séculos.

Essa é luta pela qual Carlos está engajado contra seus amigos, ou seja, que eles vivam em uma Argentina produzida, de certa forma, por eles mesmos no passado, quando decidiram que seu país era um desastre e fracassaram querendo conduzir uma geração inteira a não pensar sobre tudo o que ocorreu com ela. Uma tentativa de implementar na sociedade argentina uma espécie de amnésia coletiva – deles e dos outros. Uma situação na qual Carlos não pode se sujeitar e por isso, indignado, decide não se calar.

Embora na visão de Tomás Eloy Martínez: “todo relato é, por definição, infiel. A realidade, como já disse, não pode ser contada nem repetida. A única coisa que se pode fazer com a realidade é inventá-la de novo”. (MARTÍNEZ, 1997: p. 84).

O personagem, Carlos, é um homem que manifesta em suas palavras por meio do diálogo com seus amigos uma espécie de desolação, de vergonha, um certo ressentimento, uma amarga resignação e até mesmo uma certa tristeza de ser argentino. São palavras que revelam sentimentos de incompletude, de incertezas, desgostos e de uma profunda angústia e desilusão.

Diálogos que expressam, acima de tudo, um vazio, uma dor que parece não sair da sua memória. As palavras não podem esconder a verdade, não devem redimir os fracassos como se o país não tivesse sido afetado por essa geração que fracassou. Ao contrário, para Carlos, em vez de elegantemente justificar os erros, reconhecê-los, aceitá-los é o começo de uma transformação para que a Argentina se tornasse um país melhor, nas suas palavras, “menos desmantelado, pois os mecanismos que imaginamos para mudar o mundo não

funcionaram, isso não quer dizer que não vão existir outros. Sempre houve outros, ao longo da história sempre houve formas que não funcionaram e formas que funcionaram, porque as sociedades que depararam com o fracasso continuaram procurando novas formas. Mas, já não caberia “a mim esforçar-me para entendê-las, para voltar a acreditar no inverossímil, já que eu sei que só a força de acreditar no inverossímil se consegue, às vezes, raramente, torná-lo verdadeiro”. (CAPARRÓS, 2011: p.16, 192).

Aquelas mortes realmente foram necessárias – “eu não conseguia acreditar – agora já não conseguia acreditar, se tornara inverossímil para mim”. (CAPARRÓS, 2011: p. 254)

Considerações finais

Não sou investigador de nada....
(Martin Caparrós)

Concluimos esse breve trabalho com as palavras do autor do romance, Martin Caparrós: “não sou investigador de nada...” Com essa mesma certeza, chegamos ao final deste trabalho, pois, seria pretencioso de minha parte pensar que esse breve relato acerca da ditadura argentina é capaz de expor o todo dessa época. Contudo, podemos observar algumas questões importantes sobre o romance, A quem de direito, como por exemplo: o fato de que o autor na construção do texto se baseia em sua memória como uma forma de construções de diálogos que vêm a medida que o leitor avança revelando seu pensamento acerca da ditadura militar argentina.

Essa forma do texto é sempre problematizadora, pois em todo o tempo explora o debate, a discussão de ideias. O autor, à medida que narra os fatos acontecidos no passado sobre esse período, vai, ao mesmo tempo, inserindo o leitor também através de cenas, onde os diálogos são momentos em que a literatura aproxima o leitor do fato narrado. A forma como o autor constrói sua ideia através do romance permite ao leitor ter uma percepção da história a partir de múltiplos ângulos de visão – nenhuma posição se sedimenta, tudo é questionado, pois a memória histórica é subjetiva e a história também é. Sendo assim, aquilo que se vê na leitura do romance é a visão do autor sobre tais acontecimentos dentro da história argentina.

Concomitantemente, podemos dizer que a Filosofia é um caminho que nos ajuda explicar a história do passado e do presente, já que em todo acontecimento histórico existem pressupostos ora revelados ora ocultos nos fatos históricos que permeiam também a literatura. Aliás, a literatura conduz uma leitura crítica da história pela matéria que ela conta e pela forma que dispõe dos fatos e ideias existentes na historicidade. Nas palavras de Beatriz Sarlo, “a historicidade que se revela por meio da memória foi uma atividade de

restauração dos laços sociais e comunitários perdidos no exílio ou destruídos pela violência de Estado” (SARLO, 2007: p.45). Desta forma, as vítimas das Ditaduras vinham a público e contavam suas lembranças, que se transformavam em “matéria-prima da indignação”, dando impulso às transições para a democracia.

No caso argentino, essas memórias estavam no centro da transição, sendo “indispensáveis para a restauração de uma esfera pública de direitos” além de serem “um bem comum, um dever [...] e uma necessidade jurídica, moral e política”. (SARLO, 2007: p. 47).

Assim, na Argentina a memória “possibilitou a condenação do terrorismo de Estado” (SARLO, 2007: 20). Dentro deste contexto, os grupos das vítimas das ditaduras exerceram um papel importante na transição. Esses grupos eram formados por familiares de desaparecidos (as mães, avó, e posteriormente filhos e irmãos) e por sobreviventes da repressão política, e sua presença pública “implicou um poder considerável na definição da agenda de direitos humanos do país”. (JELIN, 2007: 39).

Já a questão da memória da ditadura militar não está tão presente na discussão pública: apesar de grupos como Tortura Nunca Mais e a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos demandarem reparação e verdade, a realidade brasileira deixa ainda muito a desejar em relação a essas demandas. O Estado brasileiro vem, desde a volta da democracia, realizando ações em relação a reparações financeiras de pessoas perseguidas pelo regime militar. Porém, ainda não se deu direito à verdade. Tomemos como exemplo a não-abertura dos arquivos da ditadura. A omissão quanto ao julgamento de pessoas envolvidas em tortura. E mesmo as mobilizações de alguns grupos desejando acesso aos documentos sobre a ditadura ainda não têm uma repercussão expressiva como em outros países, como: a Argentina.

De fato, ainda há um caminho longo a se percorrer quando se fala em ditadura no Brasil. Isso só revela a baixeza da ditadura. Nas palavras de Bernardo Kucinski “até mesmo os nazistas tinham controle sobre seus mortos,

quem eram eles, como se chamavam e, ainda, em que lugar estavam enterrados”. (Kucinski, 2011: p. 24)

Gostaria de finalizar, dizendo que ao contrário da Argentina, o Brasil ainda não deu a resposta necessária para estas famílias e para a sociedade como um todo. O direito à verdade e, principalmente, à justiça, é algo que está previsto em decisões de organismos internacionais de direitos humanos e na própria Constituição de 1988.

Neste contexto, temos muito a aprender com a Argentina, onde atualmente existem diferentes tipos de julgamento cujo fim é a sanção penal aos responsáveis pelo terrorismo de Estado. Algumas dessas investigações são sobre os delitos que ficaram excluídos com as leis da impunidade – subtração de menores. Mudança de identidade ou roubo de bebês. Outros estão relacionados com crimes contra a Humanidade, Videla, por exemplo.

Seu julgamento aconteceu na cidade de Córdoba, onde pela primeira vez assumiu publicamente sua responsabilidade pelos atos cometidos. Sua sentença foi proferida em Dezembro de 2010 condenando-o a prisão perpétua por crimes contra a Humanidade. No mesmo julgamento foi condenado um conjunto de militares – cerca de trinta – que também fizeram parte da ditadura, com penas que variaram entre alguns anos de prisão até a prisão perpétua. Pela primeira vez, um julgamento de crimes cometidos durante a ditadura reúne tamanha quantidade de acusados. Razão pela qual os Direitos Humanos definem esta sentença como um “momento histórico” da luta pela aplicação da justiça aos envolvidos nos crimes cometidos durante a ditadura argentina.

Nas palavras de Martin Notarfrancesco, o porta-voz de causas judiciais da organização H.I.J.O.S. (Filhos pela identidade e Justiça, contra o esquecimento e o silêncio): “a imagem inicial deste julgamento foi muito forte, com uma grande quantidade de pessoas no banco dos réus, com Videla na primeira fila. Dos julgamentos atuais, este é o maior do país e o primeiro que

conta com a presença do repressor. Este é o exemplo que devemos deixar para as futuras gerações, um legado de – memória, verdade e justiça”.

Afinal, quem se importa...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia das letras, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Unesp Hucitec, 1990. 2ª edição.

BASUALDO, Victoria. *Complicidad patronal-militar en la última dictadura argentina*. Buenos Aires: Los Impresionistas, 2006.

BAYER, Osvaldo e outros, *El Terrorismo de Estado en la Argentina*. Buenos Aires: Instituto Espacio para la Memoria, 2010.

CAPARRÓS, Martín. *A Quem de Direito*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

_____, Martín. *A quien corresponda*. Barcelona: Anagrama, 2008.

CISNEROS, Andrés. *Colección Estudios Internacionales Nuevo Hacer*. Buenos Aires: ISEN (Instituto del Servicio Exterior de la Nación), 1998.

CONADEP. *Nunca mais*. Informe da Comissão Nacional Sobre o Desaparecimento de Pessoas na Argentina. Porto Alegre: L&PM, S/D.

_____, Andrés. *Argentina: Historia de un éxito*. Buenos Aires: Política Exterior Argentina; 1989-1999.

DUHALDE, Eduardo L. *El Estado Terrorista Argentino: Quince años después, una mirada crítica*. Buenos Aires: Eudeba, 1999.

DUSSEL, Inés e outros. *Haciendo Memoria en el País de Nunca Más*. Buenos Aires, Eudeba: 2007.

FEINMANN, Jose Pablo. *La Sangre Derramada: Ensayo sobre la violencia política*. Buenos Aires: Editorial Ariel, 1999.

FUSTIER, André & Aubertel, F. *A transmissão psíquica pelo sofrimento*. In A. Eigner (Org.), *A transmissão do psiquismo entre gerações*. São Paulo: Unimarco, 1998.

GOMES, Isa Felipe. *El derecho a la memoria*. Zarautz: Alberdania, 2006.

GUSMÁN, Luis. *En el corazón de junio*. Buenos Aires: Norma, 1999.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HOBBS, Thomas. *Do cidadão*. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____, Thomas. *Elementos da lei natural e política*. Tradução de Fernando Dias Andrade. São Paulo: Ícone Editora, 2002.

_____, Thomas. *Leviatã*. São Paulo: Abril Cultural, Os pensadores, 1979.

INTERNACIONAL, Anistia. *Informe de una misión de Amnistía Internacional a la República - Argentina: 6-15 de noviembre de 1976*. Londres: Editorial Blume, 1977.

JELIN, Elizabeth. *“Las luchas por la memoria: hacia un programa de investigación comparativa”, apresentação no seminário Memoria Colectiva y Represión: perspectivas comparativas sobre el proceso de democratización en el Cono Sur de America Latina*. Montevideo, 16 e 17 de Novembro de 1998.

_____. *Los Trabajos de la memoria*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2002.

_____. *Educación y memoria: La escuela elabora el pasado*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2004.

KAMINSKY, Gregorio. *Escrituras interferidas*. In: “Elixires del olvido” en Confines. Buenos Aires: Paidós, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. K. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

LIMONGI, Maria Isabel. *O homem excêntrico: paixões e virtudes em Thomas Hobbes*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

LISBOA, Clélia Tejera. *Não choro de pena de meu filho*. In: LISBÔA, Luiz Eurico Tejera. *Condições ideais para o amor*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *Santa Evita*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Mora, Miguel. "Tomás Eloy Martínez / Escritor. *La literatura es sólo un juego entre la verdad y la mentira*" IN: El País. Madri: Viernes 8 de noviembre de 2002.

PERÓN, Juan Domingo. *Las cartas del exilio*. Madrid: 24 de octubre de 1967.

PICO, Fabián, *Memoria Histórica para adolescentes*. Rosário – Argentina: Homo Sapiens Ediciones, 2006.

OLMOS, MARIA CECILIA. *A narrativa argentina das ultimas décadas ou acerca de como narrar os 'delitos de sangue*. UFSM – RS, 2008 (artigo)

PADROS, Enrique Serra, *como el uruguay no hay*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

PAVLOVSKY, Eduardo. In Apud Caroline Bauer. *La complejidad de los fenómenos de la represión: Efectos psicosociales de la represión política: Sus Secuelas en Alemania, Argentina y Uruguay*. Texas: Lugar Editorial, 1994.

PRESIDÊNCIA, da República. *Direito a memória e a verdade – Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*. Brasília: 2007. 1ª edição

QUIROGA, Hugo. *El tempo del Proceso. Conflictos y coincidencias entre políticos y militares 1976-1983*. Rosario – Argentina: Editorial Fundacion Ross, 1994.

RIQUELME, Horacio. In. Apud Caroline Bauer. *Era de nevoes: Direitos humanos, terrorismo de Estado e saúde psicossocial na America Latina*. São Paulo: EDUC, 1993.

RICOEUR, Paul. *La lectura del tiempo pasado: memoria y olvido*. Madrid, 1999.

_____. *A Memória, História e Esquecimento*, Campinas – São Paulo, Unicamp, 2008.

_____ e outros, *Por que recordar?*. Buenos Aires: Ediciones Granica, 2007.

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. *Breve historia contemporâneas de la argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1994.

RORTY, Richard. *A filosofia e o Espelho da Natureza*. Portugal: D. Quixote, 1979.

SARLO, Beatriz. *Política, ideología y figuración literaria*. In: BALDERSTON, Daniel. *Ficción y política. La narrativa argentina durante el proceso militar*. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1987.

_____, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVERMAN, Malcolm. *Protesto e o novo romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SMITH, Esther. *La novela en la historia: un encuentro metaficcional*. In: DOMÍNGUEZ, Mignon (Org.). *Historia, ficción y metaficción en la novela latinoamericana contemporânea*. Buenos Aires: Corregidor, 1996.

TIMERMAN, Jacobo. *Prisioneiro sem nome, cela sem numero*. Rio de Janeiro: CODECRI, 1982.

VEZZETTI, Hugo. *Pasado y Presente – guerra, dictadura y sociedade en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2009.

WEFFORT, Francisco. *Os clássicos da política*. São Paulo: Ática, 1.991.

SITES

<http://www.derechos.org>

<http://www.elortiba.org/soja.html>

<http://etica.uahurtado.cl/historizarelpasadovivo/es.contenido.php>.

<http://edant.clarin.com>

www.torturanuncamais-rj.org.br

archivohistorico.educ.ar/carta-de-perón.

www.desaparecidos.org/nuncamas/web/english/library/nevagain/nevagain_001.html.

www.buenosaires.gob.ar/memoria.

<http://www.memoriaabierta.org.ar/php>